

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE LETRAS
CURSO DE BACHARELADO EM LETRAS

Michelle Conterato Buss

ONDE O MISTÉRIO SE ABRIGA: O OCULTISMO EM FERNANDO PESSOA

Porto Alegre

2018

Michelle Conterato Buss

ONDE O MISTÉRIO SE ABRIGA: O OCULTISMO EM FERNANDO PESSOA

Trabalho de conclusão de curso de graduação apresentado ao Instituto de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Letras.

Área de habilitação: Tradutor Português e Japonês

Orientadora: Prof. Dr. Jane Fraga Tutikian

Porto Alegre

2018

CIP - Catalogação na Publicação

Buss, Michelle Conterato
ONDE O MISTÉRIO SE ABRIGA: O OCULTISMO EM FERNANDO
PESSOA / Michelle Conterato Buss. -- 2018.
87 f.
Orientadora: Jane Fraga Tutikian.

Trabalho de conclusão de curso (Graduação) --
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto
de Letras, Curso de Letras: Tradutor Português e
Japonês, Porto Alegre, BR-RS, 2018.

1. Fernando Pessoa. 2. Ocultismo. 3. Esoterismo.
4. Poesia ocultista. I. Tutikian, Jane Fraga,
orient. II. Título.

Michelle Conterato Buss

ONDE O MISTÉRIO SE ABRIGA: O OCULTISMO EM FERNANDO PESSOA

Trabalho de conclusão de curso de graduação apresentado ao Instituto de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Letras.

Aprovado em: ____ de _____ de ____.

BANCA EXAMINADORA

Diego Lock Farina - UFRGS

Leonardo von Pfeil Rommel - UFRGS

Jane Fraga Tutikian - UFRGS (orientadora)

AGRADECIMENTOS

Minha imensa gratidão ao universo e tudo que nele habita por inspirar os artistas de todos os tempos. Gratidão à poesia que me permite ampliar o horizonte de possibilidades de ver e entender o mundo. Gratidão a minha mãe, meu pai e meu irmão por sempre acreditarem em mim, sem vocês essa caminhada não seria possível. Todo meu amor e agradecimento ao meu companheiro, Gabriel Mesquita, que incansavelmente leu esse trabalho. Meu carinho e muito obrigada à minha amiga Clarissa de Freitas, que sempre me incentivou à pesquisa acadêmica. Meu muitíssimo obrigada à minha amiga e revisora, Clara Ályegra Lyra Peter, por vivenciar comigo parte desse processo. Meu agradecimento à Flora Bonjunga Mattos e à Conceição Soares Beltrão pelos conselhos e incentivos. Minha imensa e profunda gratidão à minha orientadora Jane Fraga Tutikian que me acolheu e aceitou comigo trilhar os caminhos do oculto em Fernando Pessoa. Por fim, todos que não citei e que me permitiram chegar até aqui, minha gratidão. A vida é um eterno fluxo de transformações e redescobertas.

Entrevi, como uma estrada por entre as árvores,
O que talvez seja o Grande Segredo,
Aquele Grande Mistério de que os poetas falsos falam

(Alberto Caeiro)

Vem, Noite antiquíssima e idêntica,
Noite Rainha nascida destronada,
Noite igual por dentro ao silêncio. Noite
Com as estrelas lantejoulas rápidas
No teu vestido franjado de Infinito.

(Álvaro de Campos)

O deus Pã não morreu,
Cada campo que mostra
Aos sorrisos de Apolo
Os peitos nus de Ceres —
Cedo ou tarde vereis
Por lá aparecer
O deus Pã, o imortal.

(Ricardo Reis)

Não sei quem me sonho...
Súbito toda a água do mar do porto é transparente
e vejo no fundo, como uma estampa enorme que lá estivesse desdobrada,
Esta paisagem toda, renque de árvore, estrada a arder em aquele porto,
E a sombra duma nau mais antiga que o porto que passa
Entre o meu sonho do porto e o meu ver esta paisagem
E chega ao pé de mim, e entra por mim dentro,
E passa para o outro lado da minha alma...

(Fernando Pessoa)

RESUMO

Este trabalho está inserido no contexto dos estudos pessoanos, mais especificamente, no que diz respeito ao ocultismo na obra de Fernando Pessoa. A proposta deste estudo é analisar a influência da ciência oculta, pungente na época em que o poeta viveu, na poesia pessoana ou se isto se restringiu apenas a um interesse de Fernando Pessoa. Este trabalho se detém na poesia do ortônimo, em especial nas poesias presentes na obra *Poesias Ocultistas* (1996). Como objetivos têm-se a averiguação de como o ocultismo se manifestou na vida do poeta e na obra do ortônimo; o mapeamento das correntes ocultistas conhecidas pelo poeta; a verificação de se o ocultismo é trazido para dentro dos poemas, e de que maneiras ele o expressa. A metodologia utilizada consiste em pesquisa bibliográfica da vida e obra do poeta, assim como das principais correntes ocultistas com que se envolveu, e posterior análise desses elementos em seus poemas. A base teórica é fundamentada em estudos desenvolvidos por Simões (1959), Quadros (1988), Zenith (2011), Papis (2003), Ribeiro (2009) e Centeno (1985a). Ao percorrer a vida do poeta português constata-se seu interesse por astrologia, alquimia, pelas ordens Rosa-cruz e Maçonaria, entre outras vertentes esotéricas cujos fundamentos dialogam diretamente com a sua poesia.

Palavras-chave: Fernando Pessoa; ocultismo; esoterismo; poesia ocultista

ABSTRACT

This essay is set in the context of studies about Fernando Pessoa's work, more specifically, to occultist manifestations in his writings. The purpose of this study is to analyze whether there was influence of the occult science, poignant at the time the poet lived, in his poetry, or if this subject was restricted to a personal interest of Fernando Pessoa. This research focuses on the poetry of the orthonym, especially on the poems in the book *Poesias Ocultistas* (1996). The objectives of this study are to ascertain of how the occult appeared through the life of the poet and in the work of the orthonym; to map what the poet knew about occult sciences; to verify whether occultism is found in the poems, and in which ways it shows. The methodology used consists in a bibliographical research over the life and work of the poet, as well as over the main occult currents in which he was involved, and later analysis of these elements in his poems. The theoretical foundation of this work is based on studies developed by Simões (1959), Quadros (1988), Zenith (2011), Papus (2003), Ribeiro (2009) and Centeno (1985a). Over this research, it was possible to see, throughout the life of the Portuguese poet, his interest in astrology, alchemy, and Rosicrucian and Freemasonry's orders, among other esoteric aspects whose foundations are directly related to his poetry.

Keywords: Fernando Pessoa; occultism; esoterism; occult poetry

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	9
2 O CAMINHO DO OCULTO EM FERNANDO PESSOA.....	12
3 A CIÊNCIA DO OCULTO.....	24
3.1 Rosa-cruz.....	28
3.2 Maçonaria.....	31
3.3 Alquimia.....	34
3.4 Neopaganismo.....	37
3.5 Teosofia.....	39
4 O ITINERÁRIO AO MISTÉRIO: POEMAS OCULTISTAS DE FERNANDO PESSOA.....	42
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	59
REFERENCIAS BIBLIOGRAFICAS.....	62
ANEXO A – POESIA « NO TÚMULO DE CHRISTIAN ROSENCREUTZ ».....	65
ANEXO B – POESIA « DEPUZ, CHEIO DE SOMBRA E DE CANSAÇO».....	67
ANEXO C – POESIA NA « O ÚLTIMO SORTILÉGIO ».....	71
ANEXO D – POESIA « INICIAÇÃO».....	74
ANEXO F – POESIA « NA SOMBRA DO MONTE ABIEGNO».....	76
ANEXO G – POESIA « NESTE MUNDO EM QUE ESQUECEMOS ».....	78
ANEXO H – POESIA « PASSOS NA CRUZ ».....	79

1 INTRODUÇÃO

Emissário de um rei desconhecido
Eu cumpro informes e instruções do além

Fernando Pessoa¹

Aquilo que é obscuro, que é oculto, aquilo que é da ordem do mistério sempre fascinou o homem. O desejo de apreender o mistério acompanha a humanidade desde seus primórdios: seja inspirando o homem a buscar por respostas e soluções, e criando, a partir dessa busca, a matriz para o que mais tarde será a prática da ciência; seja movendo o homem em direção ao próprio oculto, em que se escolhe conviver com o mistério e fazer dele o próprio caminho.

As chamadas ciências ocultas começaram a ganhar relevância contrapondo-se aos defensores da lucidez racional, que anunciavam a apoteose da razão, “enquanto os Enciclopedistas concluíam a sua obra monumental” (LIND, 1981, p. 257), através da convicção de que, conforme explica Friedrich (1978, p. 60) evocando Claudel, era “possível explicar totalmente o universo e o homem, sufocando, assim, forças artísticas e espirituais carentes de mistério”. Como resposta ao domínio do racionalismo herdado do “Século das Luzes”, que legitimava o primado da razão e o desenvolvimento da ciência como base do progresso da humanidade, entre o final do século XVIII e início do XIX, surge, no cenário europeu, a formação de diversas sociedades secretas de teosofia, lojas maçônicas e círculos iniciáticos que resgatavam antigos conhecimentos ocultistas (LIND, 1981).

O nome de Helena Petrova Blavatsky, em meados do século XIX, manifesta-se como referência neste cenário ao sistematizar a parte teórica do ocultismo que ficou conhecida como teosofia. Ao lado dela, Eliphas Levi, MacGregor Mathers, Papus e Aleister Crowley, entre outros ocultistas, contribuem também para a disseminação das “ciências ocultas”, influenciando inúmeras personalidades do ramo das artes. No que diz respeito ao campo da literatura, Friedrich (1978, p. 60) pontua que o surgimento de “uma poesia obscura que se evade do mundo

¹ 1996, p. 61

explicável do pensamento extremamente científico para lançar-se ao mundo extremamente enigmático da fantasia, pode ter o efeito de missão que proporcione, a quem é sensível a ela, a mesma evasão”. Assim, muitos escritores, como Goethe, Yeats e Rimbaud, foram influenciados pelo ocultismo, desenvolvendo, em maior ou menor grau, a relação entre a poesia e o oculto.

A figura enigmática e criativa de Fernando Pessoa e sua vasta obra marcaram profundamente o horizonte literário de Portugal e do mundo. Na poesia de Fernando Pessoa encontramos a busca pela superação da consciência ao se confrontar com a incapacidade de olhar para o real. Nessa busca, Pessoa é levado ao ocultismo. Em uma carta a Casais Monteiro (PESSOA *apud* QUADROS, 1986, p. 199), o autor revela seu interesse pelo ocultismo, afirmando ser um nacionalista místico e que, apesar de não pertencer a nenhuma ordem iniciática, é conhecedor de muitas delas. A Mario de Sá-Carneiro, escreve sobre a impressão que teve ao deparar-se com os estudos da doutrina teosófica ao ser encarregado de traduzir para língua portuguesa os livros de Annie Besant, que na época era presidente da Sociedade Teosófica. Pessoa também traduz a obra *A voz do silêncio*, de Blavatsky², que discorre sobre preceitos espirituais.

Fernando Pessoa é considerado por muitos como o quarto heterônimo. O ocultismo, pungente na época em que viveu o poeta, terá exercido alguma influência na poesia pessoana ou se restringiu apenas a um interesse de Fernando Pessoa, enquanto pessoa física? De que forma o ocultismo se manifesta em sua vida e em sua obra? Quais correntes ocultistas Pessoa conheceu? E se o ocultismo é trazido para dentro dos poemas, de maneira ele expressa? Essas indagações motivam este trabalho que começou a ser desenvolvido ainda como parte do projeto de pesquisa *Os orphistas e os possíveis diálogos: da filosofia às artes*³, coordenado pela professora doutora Jane Fraga Tutikian. Este estudo tem como objetivo investigar Fernando Pessoa enquanto ocultista nos poemas de Fernando Pessoa ortônimo.

Para empreender tal investigação, a fundamentação teórica construiu-se a partir de três bases. A primeira foi destinada ao estudo da vida de Fernando Pessoa, conforme veremos no primeiro capítulo, visando compreender mais profundamente a presença das ciências ocultas na vida do poeta. Inicialmente, realizou-se uma imersão no vasto material biográfico sobre o autor. Para tanto, elegemos as obras de João Gaspar Simões, *Vida e obra de Fernando Pessoa*:

² SIMÕES, [1958?], p. 540.

³ Projeto de pesquisa que tencionou investigar o grupo pessoano, criador e executor de estéticas de vanguarda europeias e lusas, e os diálogos estabelecidos entre seus componentes com a Filosofia e com as Artes, como pintura, música e teatro. Para tanto, discutiu-se o paralelismo entre a literatura produzida pelos orphistas, a filosofia e as artes que constituíam o *corpus*, entrecruzando diferentes saberes através da interdisciplinaridade perspectivada sob o código da intertextualidade.

história duma geração (1958?), Antônio Quadros, *Fernando Pessoa: vida, personalidade e gênio* (1988), Ángel Crespo, *A vida plural de Fernando Pessoa* (1990), Georg Lind, *Estudos sobre Fernando Pessoa* (1981) e Richard Zenith, *Fotobiografia de Fernando Pessoa* (2011).

Após a observação da trajetória ocultista pessoana, deparou-se com a necessidade de encontrar definições para compreender o que é essa área do saber chamada de ocultismo. Além disso, para que fosse possível mapear os elementos ocultistas e apreender sua função e significado na poesia de Pessoa, foi essencial entender um pouco sobre as principais vertentes ocultistas que o poeta conheceu. Dessa forma, a segunda base estrutural desta investigação, presente no segundo capítulo, diz respeito às ciências ocultas. Os estudos desenvolvidos por Papus, *O ABC do ocultismo* (2003), Christopher McIntosh, *A rosa e a cruz* (2001), António Arnaut, *Introdução à Maçonaria* (2017), Marie-Louise von Franz, *Alquimia e imaginação ativa* (1998), Mircea Eliade, *Ferreiros e alquimistas* (1979), Marcos Antonio Ramos, *Nuevo diccionario de religiones, denominaciones y sectas* (1998) e Helena Petrovna Blavatsky, *A chave para teosofia* (1991) forneceram os subsídios necessários para entender elementos ocultistas presentes na poesia pessoana.

A última base que orchestra esta investigação, presente no terceiro capítulo, foi destinada à análise do ocultismo na poesia do ortônimo e de sua fortuna crítica. Neste sentido, os trabalhos realizados por Yvette K. Centeno, *Fernando Pessoa: o amor, a morte, a iniciação* (1985a), Elêusis Camocardi, *Mensagem: história, mito e metáfora* (1996) e por Rogério Ribeiro, *Esoterismo e ocultismo em Fernando Pessoa* (2009), foram de auxílio para adentrar na dimensão do oculto na poética pessoana.

A metodologia deste trabalho baseou-se em pesquisa bibliográfica – a partir da obra do autor e sua formação crítica, como também por correspondências e textos que o poeta escreveu sobre ocultismo –, seguido por mapeamento e análise de elementos ocultistas nos poemas de Pessoa. Após longa reflexão, optou-se por limitar o *corpus* de análise à obra *Poesias ocultistas* (1996). No contexto analisado, *Mensagem* (2018) é uma obra de grande importância, mas devido à sua complexidade e por ser merecedora de um estudo exclusivo, optou-se, neste trabalho, por utilizá-la apenas como referência. Optou-se por traduzir os títulos e trechos em línguas inglesa, espanhola e latim ao longo do corpo do texto ou em nota de rodapé quando necessário. Sobre as grafias dos trechos e poemas de autoria de Pessoa, manteve-se os originais. Finalizando esta investigação, encontrou-se indícios de diversos interesses de Fernando Pessoa – como pela astrologia, pela alquimia, pela numerologia, pela teosofia e por outras seitas esotéricas – cujos fundamentos dialogam diretamente com os poemas de *Poesias Ocultistas*.

2 O CAMINHO DO OCULTO EM FERNANDO PESSOA

Neste mundo em que esquecemos
Somos sombras de quem somos,
E os gestos reais que temos
No outro em que, almas, vivemos,
São aqui esgares e assomos.

Fernando Pessoa⁴

Se o todo for observado através da metáfora de um mosaico – cada parte diferente é uma faceta do todo – podemos considerar, então, que precisamos apreender cada um dos seus diferentes fragmentos estruturadores para chegarmos à totalidade. Como poeta múltiplo que foi – curioso e buscador, estudioso e questionador, um filósofo contemplativo e dono de uma sensibilidade afinada, de diferentes estilos e distintas personalidades literárias, cuja obra permite profusas leituras que se complementam – não é de se espantar que Fernando Pessoa tenha cultivado o desejo de transcender a consciência, tocar o sublime e capturar o “todo” e “todas as coisas”, desejo este que atravessou sua vida e sua literatura. Essa multiplicidade, guiada pelo ímpeto pela transcendência, reflete-se também na caminhada ocultista de Fernando Pessoa.

Nos primeiros poemas ingleses de Fernando Pessoa, escritos sob o pseudônimo de Alexander Search⁵, é possível vislumbrar a manifestação de “um certo interesse pelo ocultismo” (LIND, 1981, p. 262). Possivelmente, o traço ocultista na poesia de Search, considerada “uma poesia de principiante, muito dependente de modelos clássicos ingleses” (LIND, 1981, p.383), tenha sua raiz em um objetivo estético ao invés de desígnio de vida. A relação entre poesia e

⁴ 1996, p. 99.

⁵ Lind (1981), em seu capítulo *A poesia juvenil de Fernando Pessoa (Alexander Search)*, explica que Search não pode ser categorizado como heterônimo porque não sabemos nada sobre sua personalidade a não ser aquilo que está exposto em seus poemas. Dessa forma, Alexander Search é considerado um pseudônimo, um dos primeiros de Pessoa. Seu sobrenome, cujo significado em inglês é “busca”, reflete a condição do próprio Pessoa na época que foi criado, um “aprendiz de poesia” (LIND, 1981, p. 350). Segundo Lind (1981, p. 349), Search teria seus primeiros manuscritos já em 1903, quando o jovem poeta teria 15 anos, e complementa que “a aprendizagem poética de Fernando Pessoa através do seu poeta inglês prolonga-se até 1909, quando se dá a sua conversão para poeta português, ou talvez mais exatamente para poeta bilíngue”. Zenith (2011) afirma que Search foi criado no final de 1906, quando Pessoa já havia retornado a Lisboa, e esclarece que quase toda produção poética do pseudônimo Charles Robert Anon foi atribuída a Search, explicando a existência de poesias de Alexander com datas de 1903.

magia, conforme lembra Lind (1981, p. 260), é percebida efetivamente pelo poeta alemão Novalis, um dos precursores da lírica modernista, e é Edgar Allan Poe, muito lido por Pessoa em sua juventude, “quem fornece o modelo desta nova combinação de inteligência artística, matematicamente lúcida, e magia, com a sua famosa análise da composição do poema *The Raven*”. O binômio poesia-magia mostra-se também disposto na obra baudelairiana e de poetas do modernismo que seguem na esteira de Baudelaire, como Rimbaud e Mallarmé. Friedrich (1979, p. 62), em *Estrutura da lírica moderna*, vê esse binômio puramente por uma ótica estética em que o desconhecido se torna um polo de tensões, em que “a visão poética penetra no mistério vazio através de uma realidade intencionalmente feita pedaços”. Ao encontro disso, Lind (1981, p. 364) salienta que “quando as interpretações religiosas do mundo não são aceites, a existência humana deixa de entrever, no seu aspecto metafísico, uma ‘idealidade vazia’ e o mistério do mundo cresce de maneira terrífica”. O autor (*op.cit.*, p. 365) evoca Friedrich, rememorando que a modernidade desperta nos poetas dessa época o desejo de escapar do real, transcender a realidade, e ao mesmo tempo leva-os a se deparar com a impotência de “crer numa transcendência de conteúdo definido e sentido construtivo” sendo também impotentes para criá-la. Cria-se então uma dinâmica de tensões insolucionáveis e a busca pela dimensão do mistério. E como se sabe, “o mistério do mundo’ constitui um dos temas centrais da obra de Fernando Pessoa” (*Ibid.*, p. 365). Entretanto, o ocultismo em Pessoa não se restringe a um arbitrário fenômeno de ordem estética. As ciências ocultas surgem vívidas ao poeta, interseccionam, confluem, modificam, definem toda sua vida como veremos daqui em diante.

Após seu retorno definitivo a Portugal, em 1905, Pessoa passa a viver um tempo na casa de sua tia por parte de mãe, Ana Luísa Nogueira de Freitas, chamada de tia Anica. Através da influência de Anica, que era espírita, o autor participava, ocasionalmente, de sessões espíritas em sua casa (SIMÕES, 1958?). Não encontramos ao certo a data em que Pessoa principia em tais sessões, contudo, em 24 de junho de 1916, já é possível encontrar um trecho da carta que Fernando remete à tia Anica, em que afirma ser médium e revela conhecer de ordens ocultistas e ter uma relação antiga com a astrologia:

(...) Como eu tinha previsto, pela astrologia, a situação do Mário não só melhorou, mas parece tender para melhorar cada vez mais.

Vamos agora ao caso misterioso que a interessa e que a tia Anica diz não poder calcular o que seja. Sim, não calcula, decerto eu próprio é o que menos esperaria.

O facto é o seguinte. Aí por fins de Março (se não me engano) comecei a ser médium. Imagine! Eu, que (como deve recordar-se) era um elemento atrasador nas sessões semiespíritas que fazíamos, comecei, de repente, com a escrita automática. Estava uma vez em casa, de noite, tendo vindo da Brasileira, quando senti a vontade de, literalmente, pegar numa caneta e pô-la sobre o papel. É claro que depois é que dei por o facto de que tinha sido esse impulso. No momento, não reparei no facto, tomei-o como o facto, natural em quem está distraído, de pegar numa pena para fazer

rabiscos. Nessa primeira sessão comecei por a *assinatura* (bem conhecida de mim) «Manuel Gualdino da Cunha». Eu nem de longe estava pensando no tio Cunha. Depois escrevi mais umas cousas, sem relevo, nem interesse nem importância. De vez em quando, umas vezes voluntariamente, outras obrigado, escrevo. Mas raras vezes são «comunicações» compreensíveis. Certas frases percebem-se. E há sobretudo uma coisa curiosíssima — uma tendência irritante para me responder a perguntas com números; assim como há a tendência para desenhar. Não são desenhos de cousas, mas de sinais cabalísticos e maçônicos, símbolos do ocultismo e cousas assim que me perturbam um pouco. Não é nada que se pareça com a escrita automática da Tia Anica ou da Maria — uma narrativa, uma série de respostas em linguagem coerente. É assim mais imperfeito, mas muito mais misterioso. Devo dizer que o pretense espírito do tio Cunha nunca mais se manifestou pela escrita (nem de outra maneira). As comunicações actuais são, por assim dizer, anónimas e sempre que pergunto «quem é que fala?» faz-me desenhos ou escreve-me números. (...)

Não pára aqui a minha mediunidade. Descobri uma outra espécie de qualidade mediúnica, que até aqui eu não só nunca sentira, mas que, por assim dizer, só sentia negativamente. Quando o Sá-Carneiro atravessava em Paris a grande crise mental, que o havia de levar ao suicídio, *eu senti a crise aqui*, caiu sobre mim uma súbita *depressão vinda do exterior*, que eu, ao momento, não consegui explicar-me. Esta forma de sensibilidade não tem tido continuação. Guardo, porém, para o fim o detalhe mais interessante. É que estou desenvolvendo qualidades não só de médium escrevente, mas também de médium vidente. Começo a ter aquilo a que os ocultistas chamam «a visão astral», e também a chamada «visão etérica». Tudo isto está muito em princípio, mas não admite dúvidas. É tudo, por enquanto, imperfeito e em certos momentos só, mas nesses momentos existe. (PESSOA *apud* QUADROS, 1986, p. 127)

Posteriormente, Pessoa afasta-se da vertente espírita e suas alegadas capacidades mediúnicas são por ele renegadas. No ensaio escrito em 1918-9, intitulado “Um caso de mediunidade”, o poeta desvalida as suas comunicações mediúnicas, entendendo-as, conforme esclarece Zenith (2011), como fruto de autossugestão e de histeroneurastenia.

É a partir do relacionamento com seu tio Henrique Rosa, um general reformado que na verdade era irmão de seu padrasto, que Fernando Pessoa começa a estreitar mais os laços com as ciências ocultas. Ao retornar a Lisboa, em virtude do ingresso no curso de Letras, Pessoa convive de perto com o General Rosa, um homem dotado de vasta erudição. É possível encontrar uma descrição sua no diário de Pessoa, no dia 16 de maio de 1906, após uma visita recente: “Espírito enorme e maravilhoso; um pessimista filosófico de muito grande categoria. O seu conhecimento científico é imenso”. (*apud Ibid.*, p. 97). O tio, que também escrevia poemas, foi uma grande influência na orientação de leituras, em um momento em que Fernando Pessoa ainda tinha pouco conhecimento sobre poesia portuguesa, além de lhe transmitir “o apaixonado interesse pelas ciências ocultas” (*Ibid.*, p.97).

Entre as vertentes ocultistas mais vívidas da trajetória pessoana, encontramos a astrologia. Pessoa utilizava a astrologia para tomar decisões em sua vida, premeditar acontecimentos e criar seus heterônimos e pseudônimos, como um artifício literário:

É provável que poucos astrólogos profissionais tenham tantos conhecimentos na área como tinha Fernando Pessoa, um autodidata que possuía dezenas de livros e manuais sobre astrologia. Desde a década de 1910, fazia horóscopos natais ou “natividades” – hoje conhecidos como mapas astrais ou cartas astrológicas – das mais variadas pessoas, de acontecimentos históricos (a instauração da República, por exemplo) e, sobretudo, de si próprio, no singular e desdobramento. Segundo um projeto deixado pelo escritor, o horóscopo natal que elaborou para Alberto Caeiro deveria ser incluído na edição de seus poemas completos. Os horóscopos de Ricardo Reis e Álvaro de Campos teriam, provavelmente, a mesma finalidade. (*Ibid.*, p. 132)

Simões (1958?) revela que o exercício da astrologia fez com que Pessoa cogitasse se instalar em Lisboa como astrólogo. Embora não concretizando tal fato, tem como herança desse desejo a criação da personalidade literária Raphael Baldaya, um astrólogo que também filosofava. Conforme Neves (1996, p. 15), organizador do livro **Poesias Ocultistas**, Raphael Baldaya seria o “chefe” do escritório astrológico projetado (mas que não chegou a funcionar),

onde se propunha desenvolver três modelos horóscopos, ao que se deduz de uma circular publicitária:

- 1 – “Horóscopo de experiência: 500 réis. (Breve resumo e ligeiras considerações sobre o teor geral da vida.)
- 2 – “Horóscopo completo, contendo uma leitura detalhada da vida e da sorte: 2.500 réis.
- 3 – “Horóscopo detalhado: 5.000 réis.”

Seu conhecimento em artes astrológicas é tamanho que, em decorrência disso, viria a conhecer, anos mais tarde, o famoso ocultista Aleister Crowley, durante os anos 30, conforme abordaremos mais adiante.

A astrologia marcou a vida pessoal e literária de Pessoa. De acordo com nosso levantamento bibliográfico realizado na biblioteca pessoana, disponível no site da Casa Fernando Pessoa, encontramos catalogados 29 exemplares cujo o tema é artes astrológicas. Quanto aos exemplares que abrangem temas da ciência oculta, encontramos um total de 118 obras, sendo as seguintes correntes ocultistas, depois da astrologia, as de maior ocorrência nos livros da biblioteca: Maçonaria (17 exemplares), Rosa-cruz (5 exemplares), teosofia (3 exemplares), misticismo e magia (8 exemplares).

Com tantos exemplares sobre matérias ocultistas ao seu dispor, é nítido que Pessoa não nutria um interesse apenas superficial ou meramente literário sobre o assunto. Antes disso, o poeta era um pesquisador ávido, um verdadeiro investigador do tema. Seria o poeta também um iniciado? No entanto, antes de aprofundar essa questão, discorreremos sobre a relação do poeta com a vertente da teosofia.

Lind (1981, p. 262) relata que foi em 1915, através de “uma encomenda casual da Livraria Clássica Editora de Lisboa” que Pessoa teve seu primeiro contato com escritos

teosóficos. O poeta fora encarregado de traduzir para língua portuguesa os livros de Annie Besant, herdeira de Madame Blavatsky na sucessão da presidência da Sociedade Teosófica. Em carta ao amigo Mário de Sá-Carneiro, em dezembro de 1915, Pessoa compartilha sua abissal impressão sobre a teosofia, como podemos ver no trecho a seguir:

A primeira parte da crise intelectual, já V. sabe o que é; a que apareceu agora deriva da circunstância de eu ter tomado conhecimento com as doutrinas teosóficas. O modo como as conheci foi, como V. sabe, banalíssimo. Tive de traduzir livros teosóficos. Eu nada, absolutamente nada, conhecia do assunto. Agora, como é natural, conheço a essência do sistema. Abalou-me a um ponto que eu julgaria hoje impossível, tratando-se de qualquer sistema religioso. O carácter extraordinariamente vasto desta religião-filosofia; a noção de força, de domínio, de conhecimento superior e extra-humano que ressumam as obras teosóficas, perturbaram-me muito. Cousa idêntica me acontecera há muito tempo com a leitura de um livro inglês sobre *Os Ritos e os Mistérios dos Rosa-Cruz*. A possibilidade de que ali, na Teosofia, esteja a verdade real me «hante». Não me julgue V. a caminho da loucura creio que não estou. Isto é uma crise grave de um espírito felizmente capaz de ter crises desta. Ora, se V. meditar que a Teosofia é um sistema ultracristão—no sentido de conter os princípios cristãos elevados a um ponto onde se *fundem não sei em que além-Deus* — e pensar no que há de fundamentalmente incompatível com o meu paganismo essencial, V. terá o primeiro elemento grave que se acrescentou à minha crise. Se, depois, reparar em que a Teosofia, porque admite todas as religiões, tem um carácter inteiramente parecido com o do paganismo, que admite no seu Panteão todos os deuses, V. terá o segundo elemento da minha grave crise de alma. A Teosofia apavora-me pelo seu mistério e pela sua grandeza ocultista, repugna-me pelo seu humanitarismo e *apostolismo* (V. compreende?) essenciais, atrai-me por se parecer tanto com um «paganismo transcendental» (é este o nome que eu dou ao modo de pensar a que havia chegado), repugna-me por se parecer tanto com o cristianismo, que não admito. E o horror e a atracção do abismo realizados no além-alma. Um pavor metafísico, meu querido Sá-Carneiro! (PESSOA *apud* QUADROS, 1986, p. 122).

Além do impacto que a teosofia causou no poeta, esta carta se torna objeto de atenção ímpar ao confirmar o interesse e conhecimento de Pessoa pela ordem Rosa-cruz, sobre a qual o poeta se debruçou com empenho, dedicando-lhe escritos. Um desses escritos, fornecido pela obra *Pessoa por conhecer: textos para um novo mapa*, de Teresa Rita Lopes (1990), tem a finalidade de esclarecer o que é a Rosa-cruz e os passos que o adepto deve seguir (“A doutrina rosacruziana afirma uma dualidade activa de Deus – a sua emissão ou emanção, que é a Força, e a sua retirada (*retrait*) ou imanação, que é a Matéria.”)⁶. Além de ter produzido textos e ensaios a respeito da ordem rosacruziana, Pessoa também escreveu sobre o estudo do ocultismo, a alquimia, a astrologia, a Cabala, a Maçonaria e outros temas relacionados, como será visto adiante.

Retornando à questão da teosofia, Pessoa traduz inúmeras obras dos mais famosos teósofos de sua época, como podemos ver em Crespo (1990):

⁶ PESSOA *apud* LOPES, 1990, p. 40.

Da visionária russa Helena Blavatsky, fundadora da escola teosófica contemporânea, e mestra durante algum tempo de Yeats, pôs em português uma breve analogia do *Livro dos Preceitos* áureos intitulada *A Voz do Silêncio*; de Annie Besant, chefe dos teósofos britânicos, traduziu *Os Ideais da Teosofia*, e de C. W. Leandbeater, o tutor e educador de Krishnamurti, a quem Besany protegia, a clarividência, *Auxiliares Invisíveis* e um *Compêndio de Teosofia*. Também verteu para sua língua, com o título de *Luz Sobre o Caminho*, um livro cujo autor figura nas publicações sobre Pessoa sob as iniciais M. C. Na realidade, trata-se de uma obra devocional muito famosa naquele tempo intitulada *Light on the Path*, escrita por Mabal Collins, uma das discipulas predilectas da Blavatsky. (p. 149).

Contudo, assim como ocorreu com a mediunidade, algum tempo depois Pessoa abandona seu entusiasmo teosófico. Zenith (2011) revela que, no dia seguinte após escrita a carta inacabada a Sá-Carneiro a respeito de sua impressão dos conhecimentos teosóficos, o poeta escreve em seu diário um texto de teor antiteosófico. Mais tarde, elabora escritos, um deles assinado por Raphael Bandaya, no qual censura “a teosofia por ser uma sopa de elementos orientais misturados com ocidentais, uma ‘democratização’ ou ‘cristianização’ do hermetismo”. (*Ibid.*, p. 145).

Essa relação de paixão seguida por descrença leva Zenith (2011, p. 197) a afirmar que “Pessoa, de certo modo, acreditava em tudo, mas sem ter fé em nada”. Simões (1958?) atesta que o ocultismo em Fernando Pessoa é de viés racionalizante, ou seja, a razão sempre tomou as rédeas de sua relação com o universo do oculto. Talvez o que mais fascinava nisso tudo o poeta era a ideia de ser iniciado em um conhecimento destinado a poucos. Quanto a essa impressão, Simões (1958?, p. 549) menciona em seu estudo:

Gnosticismo, neoplatonismo, teosofismo, espiritismo, ocultismo – tudo conduz à mesma conclusão: que o sentido do mundo e a explicação da vida e da própria morte pertencem aos iniciados dos mistérios do oculto. E Fernando Pessoa, com ter sido escolhido, pelo “Mestre Supremo”, para “iniciado”, pertence ao número dos eleitos – é um daqueles mortais a quem foram reveladas as verdades secretas da ciência esotérica.

Outra vertente ocultista que o poeta dominava era a Cabala. A ciência cabalística e a alta magia possuem a mesma matriz de origem e de fundamentos. Simões (1958?) explica que esta complexa ciência agrupa conhecimentos profundos do ocultismo, sendo fonte de todo o iluminismo e de toda a filosofia esotérica, alinhando tradições hebraicas interpretadas do Velho Testamento, que teriam sido delegadas por Deus a Adão e através de seus descendentes, expandidas pelo mundo, e complementa:

Sendo, por conseguinte, a Cabala o texto ortodoxo do ocultismo e da Alta Magia, nela tem de assentar, e nela assenta, de facto, não obstante a variedade de interpretações a que o texto cabalístico se tem prestado, a ciência iniciática de todos aqueles a quem foi dado mais tarde o nome de esotéricos, ou seja, cultores secretos de uma certa

doutrina filosófica-religiosa. Na Cabala está, por consenso de todos os ocultistas, a ortodoxia da ciência oculta. (SIMÕES, 1958?, p. 557-558)

Em um fragmento de “Initiaton”, ou “Iniciação” (PESSOA *apud* CENTENO, 1985b, p 71) o poeta discorre sobre a ciência cabalística ao explicar sobre a iniciação e os caminhos ocultistas que podem ser percorridos. Entre esses caminhos, cita o misticismo (“busca transcender o intelecto através da intuição”)⁷, a magia (“transcender o intelecto através do poder”)⁸ e a gnosis (“transcender o intelecto através de um intelecto superior”)⁹. O poeta ainda esclarece que, para alcançar a transcendência de algo corretamente, é preciso, primeiro, passar por esse algo. Ele considera o caminho gnóstico mais vantajoso pois o enfoque é a transcendência a partir do intelecto e porque a tentação para tentar chegar ao intelecto superior sem passar pelo que chama de intelecto inferior seria menor. Afinal, ambos são intelectos e o que os diferencia é a quantidade de um ou outro, diferentemente dos caminhos místico e mágico, em que a diferença se baseia na qualidade “entre emoção e intelecto; entre a vontade e o intelecto”. Dois pontos que chamam a atenção nesse texto, o primeiro é a relação de Pessoa com o intelecto, que é seu norte no caminho ocultista e base-construtora da estética pessoana, e o segundo é a explicação referente aos caminhos do ocultismo, muito semelhante à explicação que Pessoa escreveu em carta a Casais Monteiro e que veremos a seguir.

O universo ocultista pessoano não se limita apenas a leituras e escritos. Conforme Quadros (1988), o grupo dos orphistas¹⁰ era composto por integrantes que nutriam interesse nas artes ocultas. Além disso, Pessoa possuía confrades ocultistas, entre eles, citamos o autor de *Quinto Império*, Augusto Ferreira Gomes. Pessoa prefaciou o livro de Gomes, cuja dedicatória é a seguinte: “A Fernando Pessoa nascido no ano certo” (*apud* SIMÕES, [1958?], p. 548). Esse misterioso enunciado é desvendado por Simões através de uma explicação ocultista:

Nasceu Fernando Pessoa em 1888, em 1888 entrou em “dormência” a Ordem Templária de Portugal, em 1888 publicou Madame Blavatsky o seu livro fundamental, *A Doutrina Secreta*, livro esse considerado a “soma” moderna do ocultismo, e em 1888 se fundou, igualmente, em Paris, o *Grupo dos Estudos Esotéricos*, depois transformado na *Sociedade Ocultista Internacional*.

1888 é, pois, o “ano certo”, porque nele renascem na Europa os estudos ocultistas. É o “ano certo”, porque, durante ele, possivelmente, e graças ao próprio significado “cabalístico” dos seus algarismos, alguma coisa se passa dentro da Ordem Templária que, directa ou indirectamente, afecta a situação iniciática de Fernando Pessoa. É o “ano certo”, porque, “extinta ou em dormência” desde essa data, a Ordem Templária teria sido a Ordem onde Fernando Pessoa recebeu sua iniciação. (*Ibid.*, p. 548)

⁷ “seeks to transcend the intellect (by intuition)”.

⁸ “(...) to transcend the intellect by power”.

⁹ “(...) to transcend the intellect by a higher intellect”.

¹⁰ Grupo formado pelos colaboradores da revista ORPHEU, sendo Pessoa considerado pelos integrantes como seu líder, ou “mestre”, conforme revela Almada Negreiros (QUADROS, 1988, p. 98).

Entre os caminhos ocultistas percorridos por Fernando Pessoa, o orfismo¹¹ e o paganismo estão neste horizonte. Quadros (1988, p. 210) revela que o poeta sempre manifestou interesse pela cultura helênica, sobretudo, nos seus aspectos místicos ou secretos. Ele sentia uma ligação espiritual com a vertente órfica, “discípulos de Orpheu, iniciados nos Mistérios de Dionisos e seus reformadores e purificadores”. O crítico (1988) chega a traçar um diálogo de influências entre ritos órficos e a revista *Orpheu*, lembrando as palavras de Montalvor na nebulosa introdução do número 1: “Nossa pretensão é formar, em grupo ou ideia, um número escolhido de revelações em pensamento ou arte, que sobre este princípio aristocrático tenham em ORPHEU o seu ideal esotérico e bem nosso de nos sentirmos e conhecermo-nos.” O orfismo, conforme Quadros (*op.cit.*, p. 37), não se restringe ao ortônimo, mas é também vertido aos versos do heterônimo Álvaro de Campos, que coteja com um dos hinos órficos, “Hino à noite” (“Venho cantar a geradora de homens e deuses, venho cantar a Noite”), com uma de suas odes, iniciada pelos seguintes versos: “Vem, Noite antiquíssima e idêntica, / Noite Rainha nascida destronada”.

Quanto ao paganismo, ou mesmo neopaganismo, há um movimento de retorno textual à era sacral pré-cristã em que o mundo era habitado por deuses e mágicas forças da natureza. Essa atenção ao universo dos deuses, mistérios órficos e eleusianos manifesta-se, segundo Quadros (1988), de forma profusa nos escritos dos heterônimos Alberto Caeiro e Ricardo Reis. Entretanto, o ortônimo e Álvaro de Campos também são envolvidos por essa vertente.

Na trajetória do universo oculto do poeta, talvez a situação mais inusitada tenha ocorrido em sua relação breve com o mago Therion, conhecido como Aleister Crowley, fundador da Thelema. Em 4 de dezembro de 1929, o poeta escreve uma carta à editora de Crowley a respeito de um erro no cálculo do mapa natal publicado no livro *Confessions*, autobiografia do mago. Alesteir responde à carta, agradecendo a Pessoa pela correção. O poeta, por sua vez, volta a escrever ao mago, enviando três dos folhetos com sua poesia inglesa, que foi apreciada pelo destinatário. Desta correspondência, surge em Crowley o desejo de conhecer pessoalmente o

¹¹ “Orpheu”, escrevemos então, “foi um poeta e um profeta que provavelmente representou ou assumiu um pequeno grupo doutrinador, interessado em reformar o velho cultor orgiástico de Dionisos. Por isso Orpheu foi um Telestai, isto é, um iniciador: ele revelou aos homens o significado dos Mistérios. Qual a verdade última dos Mistérios órficos?” Para os órficos, tudo partiu de um pecado original: “os gigantes, os Titãs, mataram a divina criança, o filho de Zeus, Dionisos, e provaram a sua carne. Então Zeus lançou sobre eles o fogo celeste, queimando-os. Dos restos dos Titãs, que tinham comido a carne de Dionisos, nasceram os homens. Por isso o Homem tem uma natureza simultaneamente titânica e divina”. O homem é, pois, um ser dividido contra si próprio, partilhado entre o seu lado monstruoso ou titânico e o seu lado divino. A iniciação órfica ensina o homem a assumir a sua condição conflituosa e monstruosa, mas purificando-a e acabando por eliminá-la ao cultivar e cultuar o elemento divino que há nele. (...) Disse Museu, filho de Orpheu e seu sucessor: “Tudo em definitivo saiu do Uno e tudo se resolve no Uno”. (QUADROS, 1988, p. 36-37).

poeta “e foi assim que Pessoa, em 2 de setembro de 1930, compareceu no cais de Lisboa para receber Crowley e sua jovem namorada, Hanne Jaeger.” (ZENITH, 2011, p. 194).

A visita do ocultista rendeu a Pessoa a participação no misterioso desaparecimento do mago na caverna Boca do Inferno¹², a tradução do poema “Hino a Pã” de Crowley (publicado mais tarde na revista “Presença”) e o projeto inacabado de uma novela inglesa sobre um policial chamado para desvendar o desaparecimento de Crowley. Com o tempo, Pessoa foi perdendo o interesse no mago, sendo as últimas correspondências trocadas em 1931. “A magia negra que na versão de Crowley incluía ritos tântricos, sacrifícios de animais e usos de drogas, não era o caminho de Pessoa”, salienta Zenith (2011, p. 197), que também relembra a relação de crença sem fé de Fernando Pessoa no que diz respeito às ciências ocultas.

Com ou sem fé, a verdade é que o poeta construía uma relação frutífera com o ocultismo ao passo que essa relação vertia para sua vida pessoal e literária. Em 13 de janeiro de 1935, em carta a Casais Monteiro, Pessoa se intitula “um nacionalista místico”, um “sebastianista racional”, conhecedor de muitas vertentes do oculto sem fazer parte de nenhuma delas. Esta carta contém a explicação da “gênese dos heterônimos” e também responde à pergunta feita por Monteiro a respeito do ocultismo. Segundo Simões (1958?), durante muito tempo esse trecho referente ao ocultismo manteve-se inédito, preservando a ordem expressa do próprio Pessoa que certamente seguia o preceito iniciático de que tudo que diz respeito à iniciação deve se manter conservado no secreto, sob a pena de terríveis sanções.

Falta responder à sua pergunta quanto ao ocultismo (escreveu o poeta). Pergunta-me se creio no ocultismo. Feita assim, a pergunta não é bem clara; compreendo porém a intenção e a ela respondo. Creio na existência de mundos superiores ao nosso e de habitantes desses mundos, em experiências de diversos graus de espiritualidade, subtilizando até se chegar a um Ente Supremo, que presumivelmente criou este mundo. Pode ser que haja outros Entes, igualmente Supremos, que hajam criado outros universos, e que esses universos coexistam com o nosso, interpenetradamente ou não. Por estas razões, e ainda outras, a Ordem Extrema do Ocultismo, ou seja, a Maçonaria, evita (excepto a Maçonaria anglo-saxónica) a expressão «Deus», dadas as suas implicações teológicas e populares, e prefere dizer «Grande Arquitecto do Universo», expressão que deixa em branco o problema de se Ele é criador, ou simples Governador do mundo. Dadas estas escalas de seres, não creio na comunicação directa com Deus, mas, segundo a nossa afinação espiritual, poderemos ir comunicando com seres cada vez mais altos. Há três caminhos para o oculto: o caminho mágico (incluindo práticas como as do espiritismo, intelectualmente ao nível da bruxaria, que é magia também), caminho místico, que não tem propriamente perigos, mas é incerto e lento; e o que se chama o caminho alquímico, o mais difícil e o mais perfeito de todos, porque envolve

¹² Devido a desentendimentos entre Crowley e Jaeger, ao final de duas semanas em Lisboa, esta parte para Berlim. Para lhe causar remorsos (e, provavelmente, para fins publicitários), Crowley, ajudado por Pessoa, simulou o próprio ‘suicídio’ na Boca do Inferno, uma profunda caverna rochosa situada na costa a oeste de Cascais. Pessoa, por sua vez, contou com a colaboração do amigo Augusto Ferreira Gomes, que, como jornalista, conseguiu ampla divulgação do caso, corroborado com falsas declarações do poeta. (ZENITH, 2011, p. 194-196).

uma transmutação da própria personalidade que a *prepara*, sem grandes riscos, antes com defesas que os outros caminhos não têm. Quanto a «iniciação» ou não, posso dizer-lhe só isto, que não sei se responde à sua pergunta: não pertenço a Ordem Iniciática nenhuma. A citação, epígrafe ao meu poema *Eros e Psique*, de um trecho (traduzido, pois o *Ritual* é em latim) do Ritual do Terceiro Grau da Ordem Templária de Portugal, indica simplesmente — o que é facto — que me foi permitido folhear os Rituais dos três primeiros graus dessa Ordem, extinta, ou em dormência desde cerca de 1881. Se não estivesse em dormência, eu não citaria o trecho do Ritual, pois se não devem citar (indicando a ordem) trechos de Rituais que estão em trabalho. (PESSOA *apud* QUADROS, 1986, p. 199).

Apesar de Pessoa afirmar que não integra nenhuma ordem, Simões (1958?, p. 548) revela que, dois meses após ter escrito a carta a Casais Monteiro, o poeta divulga entre amigos um documento “até hoje publicado apenas em parte, onde se faz uma declaração que nos poderia levar a supor que Fernando Pessoa fora, de facto, iniciado na Ordem Templária de Portugal”. Sendo verídico ou não esse documento, o fato é que o poeta simpatiza com diversas ordens ocultistas.

Uma das ordens pela qual Fernando Pessoa nutria respeito era a Maçonaria. Em 19 de janeiro de 1935, sob a égide do regime salazarista, o deputado José Cabral apresenta um projeto de lei proibindo a existência de associações secretas – aludindo, especificamente, à Maçonaria. Em resposta, Fernando Pessoa publica, no Diário de Lisboa, o artigo *As associações secretas: análise serena e minuciosa a um projeto de lei apresentado ao parlamento* em defesa da Maçonaria, no qual critica e ironiza o regime e seu conservadorismo, como podemos ver no trecho a seguir:

Apresentou o projeto o sr. José Cabral, que, se não é dominicano, deveria sê-lo, de tal modo o seu trabalho se integra, em natureza, como em conteúdo, nas melhores tradições dos Inquisidores. O projeto, que todos terão lido nos jornais, estabelece várias e fortes sanções (com exceção da pena de morte) para todos quantos pertençam ao que o seu autor chama «associações secretas, sejam quais forem os seus fins e organização».

(...)

Não faço, creio, ofensa ao sr. José Cabral em supor que, como a maioria dos antimaçons, o autor deste projeto é totalmente desconhecedor do assunto Maçonaria. O que sabe dele é até, porventura, pior que nada, pois, naturalmente, terá nutrido o seu antimaçonismo da leitura da imprensa chamada católica, onde, até nas coisas mais elementares na matéria, erros se acumulam sobre erros, e aos erros se junta, com a má vontade, a mentira e a calúnia, senhoras suas filhas. (PESSOA *apud* ARNAUT, 2017, p. 93-94)

Na mesma medida que critica o deputado, o regime e a igreja, Pessoa revela não ser integrante dessa ordem quando diz: “não sou maçom, nem pertenço a qualquer outra Ordem semelhante ou diferente”. Entretanto, deixa clara sua posição de vigorosa defesa à Maçonaria por ser conhecedor da mesma, ao afirmar: “não sou, porém, antimaçom, pois o que sei do assunto me

leva a ter uma ideia absolutamente favorável da Ordem Maçônica” (PESSOA *apud* ARNAUT, 2017, p. 93-94).

Mas, afinal, o poeta foi ou não iniciado? Crespo (1990) explica que, diferentemente das tradições orientais, em que um mestre iniciava seu discípulo, uma adaptação moderna ao individualismo ocidental foi defendida entre estudiosos como R. A. R. Schwaller de Lubicz que legitimava que todas as instituições iniciáticas deveriam proporcionar a quem as pedisse meios de auto iniciação. Ou seja, esses autores acreditavam que a instrução dos neófitos e as instruções iniciáticas subsequentes “equivalem a preparação para um caminho que terá de ser percorrido sozinho e que exige, por conseguinte, um esforço pessoal cujo êxito seria a iluminação” (*Ibid.*, p. 362). Sendo assim, para o autor (1988), Fernando Pessoa, um obstinado estudioso das ciências ocultas, possivelmente tenha se auto iniciado, o que segue a mesma linha de pensamento de Georg Rudolf Lind (1981) e Yvette Centeno (1985a).

Há diversos fragmentos textuais escritos por Pessoa sobre a iniciação e a caminhada ocultista, entre eles podemos citar “O caminho da Serpente”, “Subsolo” e “Quem chegas, mestre do átrio?”. Neves (1996) traz um texto pessoano sobre o tema da iniciação em que o poeta esclarece que há três tipos de iniciação. A primeira, a iniciação exotérica, análoga à da Maçonaria, é dada propriamente a quem não se encaminhou a ela ou não se preparou para tal e que serve para pôr o sujeito em condições de poder-se dar o caminho esotérico. A segunda, a iniciação esotérica, parte da busca e do desejo do discípulo (“quando o discípulo está pronto, o mestre está pronto também”). E a terceira, a que nos parece ter sido eleita por Fernando Pessoa, é a iniciação divina, em que “não dão nem exotéricos ou esotéricos menores, como a exotérica; vem diretamente, e por cima destes todos, das mesmas mãos, do que chamamos Deus”. (PESSOA, 1996, p. 37).

Nesta senda de caminhos iniciáticos, talvez um dos quais o poeta mais tenha se afinado, assim como outros poetas, seja o alquímico. Simões (1958?) relembra as palavras de Pessoa de que dos três caminhos praticáveis para atingir o oculto, o caminho mágico, o caminho místico e o caminho alquímico, este último era o de maior perfeição, apesar do grau de dificuldade que representava. Pessoa parece ter percorrido, de certo modo, a mesma esteira de muitos poetas dessa época, como Rimbaud e outros que relacionaram a poesia à alquimia e à magia:

Mas a alquimia não deixa de ser uma prática mágica – uma ciência, se quiserem –, a qual, graças à acção do fogo, se propõe a decompor um mental básico nos seus elementos componente, realizando, assim, o quimérico de ouro. Hermes Trimegista foi o primeiro alquimista (daí designar-se de “hermética” a filosofia mágica). Segundo ele, existem diversos processos para se obter o ouro: a calcinação, a putrefacção, a solução, a destilação, a sublimação, a conjunção e, finalmente, a fixação. Mas, como tudo é simbólico no campo da magia, e como, em última análise, o objetivo do

alquimista é a posse das próprias leis da natureza, alcançando com elas a onipotência divina (...). Ora, quando Fernando Pessoa declara que o “caminho alquímico” é aquele em que, mercê da transmutação da personalidade, se prepara a comunicação com o Ente Supremo, muito bem pode querer justificar a sua concepção pessoal da poesia – o “fingimento”, produto de uma decomposição, transmutação ou metamorfose do seu próprio ser em outros seres, seus colaboradores na criação, ou seja, os heterônimos. (SIMÕES, 1958?, p. 561).

A relação pessoal entre a literatura e o universo do oculto resplandece também em outro texto, trazido por Lind (1981, p. 279) em que o poeta traça uma linha analógica entre teosofia e arte.

Seja qual for o número de graus, externos ou internos, na escala que ascende até à verdade, podem ser considerados três – Neófito, Adepto e Mestre. Na realidade os graus são dez – quatro sob o de Neófito, três sob o de Adepto e três (por assim dizer) sob o de Mestre...

O Neófito, através dos graus que essa expressão descreve, é essencialmente um aprendiz; o caminho que lhe compete conduz à completação dos conhecimentos na esfera externa. No Adepto, através dos seus três graus, existe um progresso de unificação do conhecimento com a vida. No Mestre há, uma destruição desta unidade assim alcançada em favor duma unidade mais alta.

Uma comparação com coisas mais simples creio que tornará isto mais claro. Supunhamos que a finalidade da iniciação é a escrita da grande poesia. O estágio do Neófito será a aquisição de elementos culturais com que o poeta terá que lidar ao escrever poesia – sendo, grau por grau e no que parece ser uma analogia exacta: 0) gramática, 1) cultura geral, 2) cultura literária em particular.

O estágio do Adepto será, se continuarmos a utilizar a mesma analogia: 5) a escrita de poesia lírica simples, 6) a escrita de poesia lírica complexa, 7) a escrita de poesia ordenada, ou poesia lírico-filosófica, como em Ode. O estágio do Mestre será, pelo mesmo processo: 8) a escrita da poesia épica, 9) a escrita de poesia dramática, 10) a fusão de toda poesia, épica e dramática, em algo para além de todas elas.

Apesar de Simões (1958?) afirmar que o ocultismo em Pessoa não é sincero, dividimos, com algumas ressalvas, da visão de Zenith (2011) que afirma que, em matéria de ocultismo, o poeta em tudo acreditava sem ter fé em nada. Nossas ressalvas à conclusão de Zenith não são quanto ao teor de ter ou não fé, acreditar ou não no oculto. Fica claro, diante do caminho que percorrido aqui, que Pessoa dedicou parte de sua vida aos estudos ocultistas. Certamente, da mesma forma que fez em sua arte e sua vida, o caminho do oculto foi norteado pelo intelecto, um ocultismo racional. As ciências ocultas, área de conhecimento dominada por poucos, em que o desconhecido e a transcendência habitam, causava fascínio em Pessoa. Da sua busca incessante de superação da consciência, da transcendência das partes em direção à totalidade, era nas ciências ocultas e na própria arte que o poeta conseguia abrigo.

3 A CIÊNCIA DO OCULTO

Aconteceu-me do alto do infinito
 Esta vida. Através de nevoeiros,
 Do meu próprio ermo ser fumos primeiros,
 Vim ganhando, e através estranhos ritos

Fernando Pessoa¹³

Se entendermos cada senda ocultista como um caminho a ser percorrido pelo estudioso ou pelo iniciado, podemos, então, configurar a trajetória ocultista pessoana como uma complexa e dinâmica teia de linhas que convergem, entremeiam-se, afastam-se e interseccionam-se, como pudemos vislumbrar no capítulo anterior. Para o líder dos orphistas, o ocultismo, muito mais que uma curiosidade ou um interesse efêmero, é um marco de vivências que vertem suas influências para vida e produção literária. Para que possamos ter subsídios necessários para estudarmos o ocultismo na poesia de Fernando Pessoa, é essencial, inicialmente, compreendermos o ocultismo.

O ocultismo nada mais é que a ciência oculta, não mensurável, ou o conhecimento do oculto, destacado por estar ao alcance de poucas pessoas. De uma forma ou de outra, o ocultismo caminhou com a história da humanidade em todas as partes do mundo. Inicialmente, estava restrito a templos em que mistérios do homem e do divino eram guardados sob véus a que só os escolhidos tinham acesso. Papus, em *ABC do Ocultismo*, afirma que essas ciências que eram ocultadas, ensinadas nos mistérios, e complementa:

Essa tradição era ensinada tanto no antigo Egito como nos velhos santuários da China e da Índia, a uma elite de indivíduos selecionados por uma progressiva iniciação. A ciência não era, portanto, permitida a todo mundo; era oculta nos templos, e assim podemos definir esse primeiro aspecto sobre o nome de *Ciência Oculta (Scientia Occulta)*. (2003, p. XI).

Entretanto, esse conhecimento atravessou as portas dos templos através de seus sacerdotes, influenciando na ordem coletiva e individual das comunidades. Oráculos e predestinações, ritos e rituais¹⁴, serviços de ordem médica e atividades do Estado, entre outras

¹³ 1996, p. 56

¹⁴ Em seus estudos, Henderson (2008, p. 168-170) aponta para importância das atividades ritualísticas ainda para o homem primitivo de sociedades tribais. O ritual de morte ou de renascimento configurava o rito de passagem

tarefas, configuravam o importante papel dessa ciência para o homem e a sociedade na antiguidade. O mesmo autor também esclarece que essas ciências se dedicavam a estudar “o Plano Invisível sob todos os seus aspectos”, ou seja,

- 1) no Homem;
- 2) na Natureza, sob seu duplo aspecto de natureza naturante e de natureza naturada;
- 3) no Plano Divino, bem como as relações destes diversos planos ou princípios entre si, seus benefícios e suas diversas manifestações. (*op.cit.*, p. XI)

O ocultismo, então, era destinado a poucos eleitos que, após serem aprovados por uma iniciação¹⁵, eram iniciados nos mistérios. Em geral, os iniciados eram guiados por um mestre e recebiam o conhecimento via graus de aprendizagem, ou seja, os véus que cobriam os mistérios eram desencobertos aos poucos, à medida que o iniciado se revelava bem-sucedido. O iniciado era conduzido a uma nova forma de compreender e pensar o que já conhecia, sendo norteado pelo princípio transcendente das coisas. Ribeiro (2009, p. 23) explica que a iniciação era também vista como um ritual de aceitação e tinha como proposta “uma suposta nova vida” a qual o iniciado deveria alcançar. Assim, depois de iniciado, “ele morre simbolicamente e renasce para a vida que passará a ter”.

Na sua conceituação de ocultismo, Papus (2003, p. XVI) explana o aspecto tríplice da definição de ciência oculta de acordo com o gênero de estudo: *occulta*, que aborda a parte histórica, em que são estudadas a constituição dos mistérios antigos, a história das diversas iniciações e suas ligações com diversas raças humanas; *occultati*, que muitos autores definem como “estudo do invisível”, considerando-a a ciência oculta em si; *occultans*, relativo à transmissão da Verdade, de forma velada, ao povo ainda encoberto em véus, originando assim a ciência do simbolismo, ou dos véus de Ísis¹⁶. Sobre esse último aspecto, é importante compreender que a transmissão do conhecimento oculto era acompanhada de certos métodos

que simbolizava o trânsito de uma fase da vida para outra, como da infância para a meninice ou do início para o final da adolescência, e daí para a maturidade. Esses ritos desempenhavam o papel de levar o jovem à maturidade e a participar da identidade coletiva da tribo. Podemos ver essa relação primitiva com os ritos e rituais ecoar em outras configurações ao longo da história da humanidade em diversas civilizações, como a civilização grega clássica, em que os rituais ganham um viés de ordem mágica e não apenas um auxílio aos processos de passagem do coletivo da tribo, possível de ser observado no culto de Elêusis ou nos Orfismos, tendo este último o objetivo de transcender o corpo que “era visto com um estorvo para a vida espiritual” (CAVE, 1992, p. 14).

¹⁵ É interessante atentar para o que Cave (1992, p. 6) observa: “nas cerimônias iniciáticas, tanto nas primitivas como nas modernas, o iniciado transforma-se, tipicamente, no ator central de um espetáculo que dramatiza a transição de sua condição de estranho para o de membro do grupo”. Durante esse processo de aceite do novo elemento do grupo, o novato passa por uma série de provações cuja as dificuldades podem ser da ordem metafórica ou do real. Existe toda uma relação alegórica dessa transição do iniciado à integrante do grupo, representando “a distância entre seu velho estado de ignorância e sua nova condição de membro iluminado do grupo” (*Ibid.*, p. 6).

¹⁶ O que Papus (2003, p. XVI) elucida “que permite ora elevar-se de um símbolo a seu princípio celeste, revelando seu mistério, ora descer de um princípio celeste a um simbolismo cada vez mais físico, revelando ou revestindo os mistérios”.

que possibilitavam que esse conhecimento transitasse e chegasse aos não-iniciados, também chamados de profanos. Uma regra importante, nesses meios, era não mentir, mesmo quando se objetivava proteger os ensinamentos dessa ciência. Papus (*op.cit.*) salienta que a mentira era totalmente proibida, ou seja, era preciso saber como e de que formas transmitir esses conhecimentos aos não-iniciados. Assim, geralmente, as revelações dos mistérios aos profanos surgiam com os “simbolismos, os hieróglifos, as lendas religiosas, os mitos de todos os procedimentos e práticas” (*Ibid.*, p. XII). Desse modo, o autor afirma que a ciência oculta escondia o que descobria, era “a *Ciência Reencoberta (Scientia Occultans)*”.

Papus (*op.cit.*) ainda abarca a importância de o iniciado ter entendimento desses símbolos e números, dos estudos astronômicos por um viés astrológico, da semântica profana e dos mitos para manejar e compreender o simbolismo que possibilita o alcance dessa ciência. O autor (*op.cit.*, p. 213) chama a ciência oculta também de ciência do simbolismo e afirma que esta

(...) se relaciona intimamente com a astronomia e a astrologia para constituir a *sofia* do astral, ou a astrosófia. Seu estudo requer, pois, um conhecimento muito sério: primeiro, da anatomia do céu, a seguir, de sua fisiologia e, finalmente, de sua teurgia. Todo simbolista que não seja pelo menos astrônomo é incapaz de exercer sua função.

Fernando Pessoa desenvolveu diversos textos ou mesmo fragmentos textuais sobre o que ele entendia do conceito de ocultismo. Entre esses textos, um deles, cujo título é “A regra do Oculto”, é baseado no livro *O divino Pimandro*, de Hermes Trimegisto¹⁷, que traz a seguinte regra: “o que está em baixo é como o que está em cima” (PESSOA, 1996, p. 31). A partir dessa sentença o poeta discorre sobre a relação e a distinção entre as Baixas Ordens e as Altas Ordens, em que “(...) reproduzem-se os mesmos transes, por vezes as mesmas espécies de símbolos; o sentido é outro e menor, mas a regra da semelhança tem de ser mantida (...)” (*Ibid.*, p. 31). Mais adiante, no mesmo texto, Pessoa afirma o motivo, ao seu ver, de a ciência oculta ser encoberta e acessível a poucos iniciados: “... O que Deus fez oculto (se Deus fez alguma coisa oculta) é para se conservar oculto. Se não, ele tê-lo-ia feito claro” (*Ibid.*, p. 31). Por fim, o poeta encerra o texto analisando a efervescência das vertentes ocultistas de sua época, concluindo que o atual movimento é resultado: da degradação do cristianismo; das trocas culturais entre Ocidente e Oriente, em que elementos de civilizações como China e Índia chegaram até a Europa; do

¹⁷ Hermes Trimegisto foi o suposto autor “de um corpo de doutrinas místicas que veio à luz no Egito no começo da era cristã”. Seu tratado mais famoso é *Poimandres* (ou *Pymander*, em português *O divino Pimandro*). Sua figura é uma fusão do deus grego mensageiro e do deus da sabedoria egípcia, Thoth, apesar de muitos renascentistas acreditarem que ele era uma verdadeira personagem histórica. Trimegisto, cujo nome significa “três vezes grande”, exerceu enorme influência no pensamento esotérico ocidental. (MCINTOSH, 2001, p. 41-42).

progresso moderno, científico, industrial e cultural pautado, muitas vezes, na extrema racionalidade e na incapacidade do homem a se adaptar a essa nova realidade.

Em outros fragmentos textuais, Pessoa prossegue em suas reflexões e questionamentos sobre o ocultismo, a partir de seu ponto de vista discursivo particular, escrevendo sobre conceitos e diferenças pertencentes a esse universo hermético. Entre esses conceitos, trazemos a explicação pessoana de “esotérico” e “exotérico”:

Afinal o conteúdo dos mistérios resume-se em ensinamentos, sobre três ordens de coisas, que sempre se julgou que não devem ser reveladas ao geral dos homens. (...) esses ensinamentos se deveriam dividir em duas ordens: *exotéricos ou profanos* os que são expostos de modo a que todos possam ser ministrados; *esotéricos ou ocultos* os que, sendo mais verdadeiros, ou inteiramente verdadeiros, não convém que se ministrem senão a indivíduos previamente preparados, gradualmente preparados, para os receber. (PESSOA, 1996, p.32).

Neste mesmo fragmento, o poeta (*op.cit.*, p. 32) ainda esclarece, de forma similar a Papus (2003), que o conhecimento esotérico ou oculto não é destinado a todos, é algo para alguns poucos que foram iniciados: “A esta preparação se chamava, e chama, iniciação”.¹⁸ Além disso, esse conhecimento é via processo, à medida que o iniciado vai se aprofundando nos estudos, novas informações lhe são transmitidas: “E esta iniciação é ela mesma gradual em todos os mistérios, e de tal modo disposta que o indivíduo inapto para receber esses ensinamentos ocultos se revela tal antes que eles lhe sejam inteiramente dados”.

Da mesma forma que Papus (2003) discorre sobre a linguagem simbólica utilizada por essa ciência, Pessoa – como bom estudioso ocultista – mostra saber da profundidade do símbolo para o oculto: “Um símbolo é uma coisa exposta em termos de outra coisa, entendendo-se que

¹⁸ Sobre “iniciação”, em um outro fragmento textual, Pessoa (*apud* CENTENO, 1895b, p. 60) esclarece:

Há três tipos distintos de iniciação — simbólica ou exterior, intelectual (exterior à interior) e vital (interior). Nas iniciações simbólicas, que reforçam a vontade e que, portanto, conduzem à Magia como realização, o candidato não passa por graus de entendimento, mas por graus de intuição, por assim dizer; ele está continuamente à superfície e na aparência das coisas, e, embora ele atinja o grau mais elevado, qualquer que seja a ordem ou ordens por que prossiga, esse grau mais elevado não precisa de corresponder (geralmente não corresponde) a qualquer coisa como um grau paralelo em qualquer das iniciações interiores. Nas iniciações intelectuais, que reforçam o intelecto e que, portanto, conduzem ao Misticismo como realização, o candidato passa por estádios de entendimento, mas não por estádios de vida; ele pode saber muito, mas não precisa de viver aquilo que conhece no mesmo plano em que o conhece. Nas iniciações vitais, que reforçam a emoção e, portanto, conduzem à Alquimia como realização, o candidato vive aquilo que sente e sabe.(...)

— Possivelmente há três modos pelos quais as iniciações podem ser interpretadas: (1) os três caminhos de realização, mágico, místico e gnóstico, (2) os três estádios de realização, Neófito, Adepto e Mestre, (3) os três graus de realização, astral, mental e espiritual.

a segunda (meio de expressão) é por natureza inferior à primeira (coisa expressa) ” (PESSOA *apud* LOPES, 1990, p.84). Apesar de se debruçar com avidez sobre o ocultismo, Fernando Pessoa também escrevia críticas e se indagava sobre aquilo que poderíamos chamar de uma “verdade oculta”: “Se esses ensinamentos ocultos são verdadeiros, ou apenas especulações abstrusas, é outro problema” (PESSOA *apud* CENTENO, 1985b, p.45).

Não há evidências concretas sobre até que ponto Pessoa acreditou ou não em alguma vertente ocultista. Todavia, como já trouxemos anteriormente, o poeta era um exímio estudioso ocultista e, para aprofundarmos as análises dos poemas escolhidos no Capítulo 4, discorreremos agora um pouco sobre Rosa-Cruz, Maçonaria, alquimia, neopaganismo e teosofia.

3.1 Rosa-cruz

A origem da ordem Rosa-cruz é envolvida em mistérios. Essa ordem tem como lenda, ou símbolo fundador, a figura de Christian Rosenkreuz, peregrino do século XV.¹⁹ Conforme o *Fama Fraternitatis*²⁰, manifesto publicado anonimamente, em alemão, no ano de 1614 pela gráfica Wilhelm Wessel situada na cidade de Cassel, na Alemanha (OLIVEIRA, 2009), Christian Rosenkreuz teria nascido em uma família alemã ilustre, mas sem grandes posses. Com apenas quatro anos, ele teria iniciado a sua formação em uma abadia e, ainda muito jovem, partiu em uma viagem com um monge. Após seu retorno à Europa, teria fundado a Fraternidade dos Rosacruz, com apenas quatro integrantes, colocando em prática os ensinamentos que recebera durante o tempo que viajara. Mais tarde, criou a Casa Sancti Spiritus (“Casa do Espírito Santo”), na Espanha, que dava amparo aos necessitados, promovendo curas e guias às pessoas (FRATERNIDADE ROSACRUZ MAX HEINDEL, 2018, p.7). Christian Rosenkreuz, conhecido também como C. R. C., morre em 1484. Com seu falecimento, conseqüentemente, a ordem vem, predominantemente, a adormecer e só redespertaria em 1604, a partir da descoberta do túmulo do mítico fundador, que até então se mantivera em segredo. Com a descoberta da câmara mortuária pela fraternidade, surgia o prenúncio da “aurora de uma nova era”. (MCINTOSH, 2001, p 24)

Juntando as datas contidas nos dois primeiros Manifestos Rosacruz que fazem referência ao personagem Christian Rosenkreutz, verifica-se que todas estão relacionadas a eventos marcantes da história europeia. O seu nascimento ocorreu em

¹⁹ Conforme Moura (2015), Christian Rosenkreuz é apenas um nome simbólico, cuja a etimologia é envolvida em mistérios e segredos. O nome tece relação com Cristo, ou Christos, ou ainda Khrestos, junto à palavra rosa (*Rosen*) e à palavra cruz (*Kreuz*).

²⁰ Também conhecido como *Fama Fraternitatis, dess Löblichen Ordens Rosenkreutzes*, ou Declaração da Venerável Ordem Rosa-Cruz. (MCINTOSH, 2001, p. 24).

1378, ano Cisma do Ocidente, que opôs Avignon a Roma; a sua morte ocorreu em 1484, ano do nascimento de Martinho Lutero; e a descoberta do seu túmulo ocorreu em 1604, ano em que ocorreu um evento astronômico que gerou várias especulações proféticas (...). (OLIVEIRA, 2009, p. 25).

Além de *Fama Fraternitates*, publicado em 1614, foram lançados mais dois importantes manifestos posteriormente: *Confessio Fraternitatis*, já publicado em Cassel no ano de 1615, em latim. Semelhante ao conteúdo do primeiro manifesto, mas com maior vigor, o *Confessio* salientava a existência da ordem que trabalhava para alcançar a promessa de um mundo reformado e liberto da tirania papal. No ano seguinte, em Estrasburgo, é publicado em língua alemã o manifesto *Die Chymische Hochzeit Christiani Rosenkreuz* (em inglês, *The Chemical Wedding of Cristian Rosenkreuz*). O narrador, “supostamente o próprio Christian Rosenkreuz, descreve suas experiências como convidado de um casamento real em um maravilhoso castelo” (MCINTOSH, 2001, p. 24). Diferente dos outros manifestos, este último é repleto de simbolismos e abundantes imagens do oculto, e não fica clara sua conexão com os textos anteriores. Conforme McIntosh (2001), apesar dos manifestos terem sido publicados sob anonimato, há indícios de que a autoria ou coautoria do primeiro e do último possam ser do estranho e enigmático teólogo protestante de Tübingen, Johan Valentin Andreae. Ainda sobre os três manifestos,

A publicação dos três Manifestos Rosacruz no início do século XVII ocorreu dentro de um contexto histórico particular. A Europa, mais precisamente a Igreja Católica, passava por um período de turbulência, em razão das teorias científicas renascentistas, que traziam à tona o antropocentrismo e o heliocentrismo; das reformas protestantes, notadamente a promovida por Martinho Lutero; da contra-reforma católica; das guerras religiosas que assolaram a Alemanha e a França ao longo dos séculos XVI e XVII; das viagens oceânicas, que alargaram os limites do planeta até então conhecidos, com a descoberta e colonização da América e; da utilização da imprensa, que já era consideravelmente viável no início do século XVII, facilitando a propagação das notícias e dos conhecimentos. (OLIVEIRA, 2009, p. 17).

A concepção do atual movimento Rosa-cruz tem suas matrizes na mais alta antiguidade, sendo conceituada como uma tradição esotérica ocidental (MCINTOSH, 2001). Conforme informações transmitidas pelo site da AMORC (Antiga e Mística Ordem Rosae Crucis), a origem dessa ordem remonta ao Egito Antigo.

Tradicionalmente é considerada a mais antiga fraternidade do mundo, sendo o prolongamento da Fraternidade criada pelo Faraó Tutmés III em 1503 a. C. e que se destinava a estudar, experimentar e praticar os mais altos princípios da natureza, do homem e do universo, em contraste com as crenças supersticiosas que estavam difundidas entre o povo da época. A Escola de Faraó Tutmés III se aperfeiçoou sob a gestão de seu neto, o Faraó Akhenaton (1353 a.C.) considerado o primeiro Grande Mestre tradicional da Ordem Rosacruz, por ter aperfeiçoado seu sistema de leis, princípios filosóficos e ritualísticos. É a partir da data geral do reinado deste Faraó

que se conta o Ano Rosacruz. A Ordem Rosacruz está, portanto, no Ano 3369, sempre comemorado em Março. (AMORC, 2018).

Sua base filosófica primordial é conhecida como gnosticismo sendo o Antigo Egito seu vértice central de desenvolvimento²¹. De forma resumida, os gnósticos entendiam o universo através da dualidade entre matéria e espírito. Eles consideravam a existência de um ser supremo divino criador que era imaterial, eterno, intangível e incognoscível; e nosso espírito, um fragmento desse ente universal que se separou e ficou cativo à matéria. O mundo da matéria não é criação do ente supremo, mas de um demiurgo que tem a seu dispor inúmeras entidades que auxiliam na manutenção deste mundo.

(...) os seres humanos são compostos de um corpo e de uma alma, ambos pertencentes ao mundo material, e uma centelha divina, ou *pneuma*, que é o elemento divino interior. Enquanto os humanos se mantiverem na ignorância de sua verdadeira posição, pelo demiurgo, continuarão aprisionados. Mas às vezes mensagens vindas das esferas de além são recebidas por certos indivíduos capazes de transmitir seu conhecimento a outros. Este conhecimento, ou *gnosis*, é a arma mais importante para liberar o espírito de seus limites. (MCINTOSH, 2001, p. 39, grifos do autor).

Sorvendo de várias fontes, esta tradição tem exercido, através da história europeia, uma intensa influência, “ora de maneira secreta, ora abertamente” (MCINTOSH, 2001, p. 37). E apesar de se deparar com frequentes conflitos com o cristianismo, a ordem influenciou o pensamento cristão e vice-versa.

Atualmente, a Ordem Rosa-cruz é uma organização internacional de caráter místico-filosófico não religiosa e sem fins lucrativos, reunindo fraternalmente homens, mulheres, jovens e crianças com o objetivo do aperfeiçoamento intelectual, psíquico e espiritual. Através do aperfeiçoamento pessoal, objetiva contribuir para a evolução da humanidade (AMORC, 2018).

A Rosa-cruz, como mostrado anteriormente, foi objeto de atenção de Fernando Pessoa. O poeta era instigado pelo conhecimento defendido por essa ordem e, entre seus vários escritos em que cita os rosacruzes, trazemos o seguinte:

Os Rosa-Cruz (...), tendo de ministrar, embora veladamente, o mesmo ensinamento a outras populações, apresentaram-no de modo diverso. Não se referiram, senão de modo tão velado que só o compreendesse quem *pudesse* compreendê-lo, a Jesus, ao Adepto; apenas aludiram ao Cristo, ao Filho de Deus. Assim nada, no que diziam, feria a fé católica ou cristã de seus leitores. (PESSOA, 1996, pg. 39)

²¹ Lembrando que o Egito, como revela Mcintosh (2001), teve influência das crenças místicas persas durante o período da conquista persa em 525 a.C., além de influências gregas e orientais através da ocupação de Alexandre, o Grande, em 333-331 a.C.

Herdeiros das tradições antigas, os rosacruzistas cultivam conhecimentos ocultistas como astrologia, alquimia, entre outros. Conforme Oliveira (2009, p. 57), as organizações rosacruzistas “mais antigas que existem atualmente foram fundadas nas primeiras décadas do século XX e também empregam, cada qual à sua maneira, os mais diversos conhecimentos e símbolos”.

A ordem tem como símbolo a cruz dourada com a rosa semi desabrochada no centro. No simbolismo cristão, a rosa é relacionada à Virgem Maria e a cruz à Jesus Cristo. Entretanto, a rosa e a cruz são símbolos emanadores de profusos significados. No entender de McIntosh (2001, p. 26), a partir de sua perspectiva discursiva singular e de sua leitura de *Os arquétipos e o inconsciente coletivo*, de Carl G. Jung, diz:

C. G. Jung mostrou que a rosa é um símbolo profundamente fincado no inconsciente coletivo, representando o útero materno e a perfeição realizada pelo equilíbrio. A cruz é igualmente um profundo símbolo interior, ligado, de acordo com Jung, à tendência da consciência interna do homem em buscar padrões quaternários. A cruz aparece em todas as mitologias do mundo e em sua manifestação cristã simboliza o sofrimento e o sacrifício.

Segundo a AMORC (2018), o símbolo não tem caráter religioso, mas filosófico. A cruz é um símbolo ancestral da humanidade e encontra-se presente sob as mais diversas formas em todas as culturas ao redor do mundo. A partir do significado filosófico e psicológico do emblema da ordem: a cruz é o corpo físico, a matéria, “onde se processa a evolução da consciência do homem”, e esta evolução, processo gradativo da mente, é evocada através da rosa que desabrocha no centro da cruz, ou seja, “no centro da experiência humana”

Já para Fernando Pessoa, no texto *Way of the Serpent* (“Caminho da Serpente”), a rosa e a cruz remetem à “Crucificação da Rosa”, que ele entende como o sacrifício da emoção do mundo “ (a Rosa, que é o círculo em flor) nas linhas cruzadas da vontade fundamental e da emoção fundamental, que formam o substrato do Mundo, não como Realidade (que isso é o círculo) mas como produto do Espírito (que isso é a cruz) ”. (PESSOA *apud* CENTENO, 1985b, p. 31).

3.2 Maçonaria

Antigamente uma sociedade secreta, a Maçonaria é atualmente uma sociedade discreta, ou, como chamam alguns estudiosos, “semi-secreta”. Arnaut sintetiza os propósitos dessa sociedade:

(...) a Maçonaria é a mais antiga organização que traz insculpida no cerne dos seus propósitos, como num código genético, o conhece-te a ti mesmo como forma de penetrar no «sentido íntimo do universo», no dizer de Fernando Pessoa, e os nobres ideais da Liberdade, Igualdade e Fraternidade, sem os quais não será possível construir uma sociedade mais justa, que é a profunda motivação dos homens bons de todos os tempos. A Maçonaria é uma Ordem universal, progressista, filosófica e filantrópica. Está aberta a todas as pessoas, de quaisquer credos, ideologias, raças e misteres que se identifiquem com os seus objetivos. Foram e são seus membros reis e presidentes da República, intelectuais, artistas e operários, aristocratas, cientistas e plebeus, militares e ministros do culto. A Maçonaria sempre esteve na vanguarda dos movimentos de libertação do homem, inspirando as mais belas páginas da História: as proclamações dos Direitos Humanos e da criança, a abolição da escravatura e da pena de morte, a luta anticolonialista, o sufrágio universal, a igualdade de raças e de sexos. (ARNAUT, 2017, p. 11)

Figueiredo (2011, p.7), em seu *Dicionário de Maçonaria*, explica que o termo maçom, que significa “pedreiro” em francês (*maçon*), é um vocábulo que data do antigo francês medieval e seu uso foi elegido com a finalidade de despistar as perseguições da Inquisição e seus afins. Maçonaria é a forma reduzida de Franco-Maçonaria que, segundo Arnaut (2017, p. 16), “significa, literalmente, pedreiro-livre, podendo traduzir-se, modernamente, por livre-pensador”, e a palavra *freemason*

surgiu pela primeira vez na Inglaterra em 1376, embora o mais antigo regulamento maçónico date de 1390. (...) Maçonaria significa, pois, construção. O maçom constrói o seu futuro tornando-se um homem melhor. A Maçonaria constrói o futuro da Humanidade, tornando-a mais justa e perfeita. Este objetivo está inscrito, como pedra angular, nas Constituições maçónicas do mundo moderno. (*Ibid.*, p. 17).

Quanto às origens da Maçonaria, Leadbeater (2012, p.13) metaforiza que seu surgimento “se perde nas névoas da Antiguidade”. Senna (1981) explica que as fases da história da Maçonaria são vistas de duas maneiras distintas: de acordo com Aslan ou de acordo com Chedel. Segundo o pensamento de Nicola Aslan, a história da Maçonaria só comportaria os períodos Operativo e Especulativo. Andre Chedel acredita, porém, que a história pode ser configurada a partir de três fases: a Primitiva, a Operativa e a Especulativa.

Seguindo a linha de Chedel, a Maçonaria Primitiva, também intitulada de “pré-Maçonaria”, é o período que abarca todo o conhecimento que tem raízes no passado mais longínquo da humanidade até os tempos da Maçonaria Operativa. Alguns estudiosos afirmam que esse período teve início na Mesopotâmia, outros, no Egito e ainda há os que creem que o Templo de Salomão foi o berço da Maçonaria.

A fase Operativa da Maçonaria tem raízes na Idade Média. É intitulada operativa por remeter à tradição da construção, de operários medievais construtores de castelos, templos, muralhas, edificações, abadias e catedrais (ASLAN *apud* SENNA, 1981, p. 9), em que seus

responsáveis (pedreiros e artesões) reuniam-se em guildas. Cada guilda zelava por técnicas profissionais que eram passadas de pai para filho, o que mantinha a qualidade do serviço e um número determinado de obreiros. Era autodenominado “maçom operativo”, todo aquele que ingressasse nas Corporações de Ofícios, dedicando sua vida à arte da construção.

Por fim, a Maçonaria Moderna ou Especulativa surgiu por volta de 1717, na Inglaterra, com a criação da Grande Loja de Londres, dando fim à fase da Maçonaria Operativa. Essa transformação de Operativa para Especulativa foi nomeada pelos ingleses como *Revival*, que significa renovação, renascimento (SENNA, 1981, p.10). A Maçonaria Especulativa pode ser vista como um ajustamento da Operativa, em que seus integrantes não precisavam ser apenas homens ligados à construção, mas qualquer profissional. O caráter especulativo da Maçonaria é tal qual conhecemos na atualidade:

Nós trabalhamos, é verdade, apenas na Maçonaria Especulativa, mas nossos antigos irmãos trabalhavam tanto na operativa quanto na especulativa; e está claro que os dois ramos são completamente diferentes quanto à forma e ao caráter – a primeira é simplesmente uma arte útil, cuja a intenção é proteger e servir à conveniência do homem e à gratificação de suas necessidades físicas. A outra é uma ciência profunda, que empreende investigações ocultas da alma e da existência futura, e que dá origem à necessidade ardente da humanidade em conhecer algo que esteja acima e além da mera vida exterior que nos rodeia com sua espessa atmosfera aqui em baixo. Na verdade, o único laço ou ligação que une a Maçonaria Especulativa à Operativa é o simbolismo que pertence à primeira, mas que, em toda sua extensão, é derivada da última. (MACKEY, 2008, p.56)

A Maçonaria é uma fraternidade de caráter universal, presente em todo o mundo. Conforme Arnaut (2017, p. 12), “(...) o objetivo essencial da Maçonaria é o aperfeiçoamento moral e espiritual dos seus membros e a defesa da moral universal”. Seus membros têm como norte princípios como a liberdade, a democracia, a igualdade, a fraternidade e o aperfeiçoamento intelectual, extinguindo vícios e labutando pela ampliação e refinação constante de virtudes, contribuindo, dessa forma, para o desenvolvimento da humanidade.

A Maçonaria é uma ordem iniciática e ritualista – que possui diversos graus de iniciação, cada grau contendo um ensinamento específico, assim como inúmeros símbolos – universal e fraterna, filosófica e progressista (no sentido de visar o progresso), baseada no livre-pensamento e na tolerância. A ordem admite todo homem livre, sem distinção de raça, classe e ideário político ou religião, e aceita a existência de um princípio superior, representado no Supremo Arquiteto do Universo, ou seja, não tem uma aceção arbitrária e cada um a interpreta segundo a sua sensibilidade e convicções. (ARNAUT, 2017, p. 19-21).

Inicialmente, a ordem era destinada exclusivamente para homens, “certamente por razões históricas, pois entendia-se que o risco inerente à condição de iniciado e a coragem

necessária para agir como maçom eram próprios do homem.” (ARNAUT, 2017, p. 55). Todavia, em meados do século XVIII, através da figura de Luísa de Kurrueel, surge na França a fundação de uma loja de rito escocês, destinada apenas para mulheres.

Fernando Pessoa, como mostramos anteriormente, revela-se um defensor e conhecedor da Maçonaria, mesmo não sendo maçom. Trazemos um fragmento textual que Pessoa (*apud* LOPES, 1993, p. 199) o qual demonstra o conhecimento do poeta com relação essa ordem: “O segredo da M[açonaria] é simplesmente este — que todas as religiões são igualmente verdadeiras, que dizer Júpiter ou Jehovah é, não dizer coisas diferentes, mas como quem diz a mesma coisa em línguas diferentes”.

3.3 Alquimia

A alquimia é uma antiga prática ocultista que combina elementos da química, da metalurgia, da astrologia, da antropologia, da filosofia, da magia, entre outras áreas. Ao fazer um resgate das origens da alquimia, Eliade (1979, p. 6), em *Ferreiros e Alquimistas*, salienta que essa prática não era “uma ciência empírica, uma química embrionária; não chegou a sê-lo até mais tarde, quando seu próprio universo mental perdeu, para a maior parte dos experimentadores, sua validade e sua razão de ser.” Conforme o autor (1979), a alquimia nasceu entre as criações do espírito pré-científico, o que significa que é um erro apresentar essa ciência como uma etapa rudimentar da química, como uma ciência profana. Afinal, a Alquimia está disposta em um horizonte espiritual, em outras palavras, “o alquimista adota e aperfeiçoa a obra da Natureza, ao mesmo tempo que trabalha para ‘fazer-se’ a si mesmo” (ELIADE, 1979, p. 27).

Em *A Alquimia e a imaginação ativa*, von Franz (1998, p. 7) afirma que a gênese dessa prática data em torno do século I a.C., “com um período florescente na Grécia nos segundo e terceiro séculos, seguido por um declínio gradual, que durou até o décimo século”. Durante esse período de aparente dormência, textos alquímicos foram traduzidos para o árabe. Houve, então, um segundo florescimento da alquimia, mas, desta vez, o sagrado e o profano se segmentam, abrindo espaços para uma nova ciência, a química. Entretanto, o sagrado da alquimia não se perdeu nessa segmentação, muito pelo contrário: von Franz (1998, p. 7) revela que, em torno do “século X, retornou à civilização cristã através dos árabes e dos judeus na Espanha e na Sicília, e de lá invadiu os países ocidentais, uniu-se à filosofia escolástica e assim prosseguiu seu desenvolvimento ulterior”. Na visão da autora (*Ibid.*), essa vertente ocultista é oriunda da

fundição de duas grandes vertentes: a grega (com sua filosofia racional, uma filosofia da natureza²²) e a egípcia (através da tecnologia²³).

Os filósofos gregos, que, como todos vocês sabem, iniciaram o pensamento racional considerando os problemas relativos à natureza, à matéria, ao espaço e ao tempo, praticamente não faziam experiências, ou faziam poucas. Suas teorias são apoiadas por certas observações, mas nunca lhes ocorreu, na verdade, experimentá-las efetivamente. Por outro lado, havia, no Egito, uma técnica químico-mágica altamente desenvolvida, mas em geral os egípcios não pensavam a respeito dela, nem filosófica e nem teoricamente. Havia simplesmente a transmissão, por certos ordens sacerdotais, de receitas práticas acrescidas de alguma representação religiosa e mágica, mas, eu diria, desacompanhada de reflexão teórica. Quando as duas tendências das civilizações grega e egípcia se encontraram, uniram-se num casamento muito fecundo e do qual a alquimia foi fruto. (*Ibid.*, p. 7-8)

Através de seus estudos, von Franz (1998) percebe que a alquimia não era tratada por praticantes a partir de uma visão unificada. A autora nota a existência de dois grupos de praticantes, os quais ela classificou como alquimistas extrovertidos e alquimistas introvertidos. O primeiro grupo tinha como foco a matéria concreta em si, enfatizando as receitas concretas, os desenhos esquemáticos mostrando como fazer os instrumentos, dosagens exatas de misturas.²⁴ O segundo grupo objetivava a busca de uma consciência ampla do estado interior e das pressuposições subjetivas e teóricas no âmbito do experimento.²⁵ Esse grupo abordava as questões sob outro pressuposto: eles acreditavam que o mistério que buscavam descobrir (“o mistério da estrutura do universo”) residia no íntimo deles mesmos, em seus corpos e na parte de suas personalidades “que chamamos de inconsciente, mas que eles diriam ser a vida de sua própria existência material” (*Ibid.*, p. 16). Assim, esse grupo de alquimistas não trabalhava somente com materiais externos, eles ajustavam sua visão para dentro de si mesmos com a intenção de colher informações provenientes do mistério, já que eles mesmos eram o próprio mistério. Entre os métodos que consistiam na jornada ao mistério, a meditação era um deles. Através de práticas meditativas direcionadas, o alquimista era capaz de colher as respostas que buscava. Von Franz (1998, p. 16) revela que o alquimista poderia perguntar à matéria

o mistério do qual você consiste, para que ela lhe dissesse o que ele é, para que ela se revelasse a você. Em vez de tratá-la como um objeto morto a ser atirado num vaso e

²² Quando von Franz (1998) fala de filosofia racional grega, uma filosofia da natureza, ela está se referindo aos filósofos pré-socráticos, como Empédocles, Tales de Mileto, Heráclito, entre outros.

²³ Essa tecnologia de que a autora (1998) fala era usada quase que exclusivamente num determinado campo da vida religiosa, por exemplo, no processo de mumificação.

²⁴ Como exemplo de alquimista extrovertido, von Franz (1998, p.15) esclarece que pode ser encontrado quando se lê uma obra como a de Holmyard, *History of alchemy* (História da alquimia), em que “você encontrará apenas esse tipo de abordagem”.

²⁵ Como exemplo de alquimista introvertido, von Franz (1998, p. 16) evoca as figuras de Zózimo e Mohammed ibn Umail como representantes.

a seguir cozinhado para ver o que resultaria, você poderia, por exemplo, pegar um bloco de ferro, e perguntar-lhe o que ele é, que tipo de vida é a sua, o que ele está operando e como se sente ao ser derretido. No entanto, como esses materiais estão dentro de você, você também pode contactá-los diretamente e, dessa maneira, eles contactavam o que nós agora chamaríamos de inconsciente coletivo, que para eles era também projetado no aspecto interior de seus próprios corpos.

Eliade (1979), em seu resgate à origem da alquimia, alarga sua visão para além do Oriente Médio, como faz von Franz, ele percorre por terras mais distantes, como China e Índia. Entretanto, sua reflexão, em certo momento, funde-se com a da autora (1998):

Os textos dos antigos alquimistas demonstram que “estes homens não se interessavam por fazer ouro e não falavam na realidade do ouro real. O químico que examina essas obras experimenta a mesma impressão que um pedreiro que queria extrair informações práticas de um tratado sobre a franco-maçonaria” (Sherwood Taylor, ib'td página 138). (ELIADE, 1979, p. 82).

Eliade ao observar a tradição da alquimia no Extremo Oriente, entende que houve, por volta do século XIII (mesma época que se desenvolveram as escolas zen), a transposição da alquimia como uma técnica ascética e contemplativa. O autor cita, através de Waley, o que define como os três métodos da Alquimia que chama de esotérica (o que, na linguagem de von Franz, provavelmente seria a alquimia seguida pelos alquimistas introvertidos).

(...) o corpo executa o papel do elemento chumbo, e o coração, o do elemento mercúrio; a «meditação» (dhyana) provê o líquido necessário (para a operação alquímica), e as faíscas da inteligência, o fogo indispensável. Ko Ch'ang- Ken acrescenta: “Mediante este método, uma gestação que ordinariamente requer dez meses pode verificar-se em um abrir e fechar de olhos”. A precisão é reveladora: como observa Waley, o alquimista chinês estima que o processo mediante o qual se engendra um menino é capaz de produzir a Pedra Filosofal. A analogia entre a concepção e a fabricação da Pedra Filosofal vai implícita nos escritos dos alquimistas ocidentais (diz-se, por exemplo, que o fogo deve arder durante quarenta semanas, intervalo necessário para a gestação de um embrião humano). (ELIADE, 1979, 68-69)

Tomando como ponto de partida a abordagem traçada por von Franz (1998), podemos dizer que, possivelmente, Fernando Pessoa cultivava a alquimia com a mesma visão que tinham os alquimistas introvertidos. Pessoa (1996, p. 35) revela que

... Como o físico (incluindo no termo o químico também), ao operar materialmente sobre a matéria, visa a transformar a matéria e a dominá-la, para fins materiais; assim o alquímico, ao operar, materialmente quanto aos processos mas transcendentemente quanto às operações, sobre a matéria, visa a transformar *o que a matéria simboliza, e a dominar o que a matéria simboliza*, para fins que não são materiais.

O grande objetivo da alquimia, que superficial e comumente chega até nós, era obter a *Lapis Philosophorum* (Pedra Filosofal), que seria capaz de transformar ou transmutar metais inferiores em ouro. Com a *Lapis Philosophorum* também seria possível obter o Elixir da Vida Longa, capaz de curar todos os males e conceder vida longa a quem o ingerisse.

3.4 Neopaganismo

Discorrer sobre neopaganismos implica muitas escolhas de posição discursiva, já que esse termo é imbuído de vários significados e usos. Se tomarmos o vocábulo literalmente, neopaganismo nada mais é que uma tendência contemporânea, um movimento de correntes de pensamento que busca o regresso ao paganismo²⁶, ao culto de ideias baseadas no paganismo anterior à presença da religião cristã, demarcando assim o interesse de muitas ordens e seitas em antigas crenças egípcias, em tradições de povos nórdicos e druidas (RAMOS, 1998, p. 129). Apesar de alguns estudiosos defenderem o neopaganismo, conforme explicado por Duarte (2013), como um fenômeno, um movimento de cunho religioso, encadeando diversas seitas com características comuns, e que ganhou corpo apenas em 1967 através do psicólogo Timothy Zell, neste trabalho compreenderemos o neopaganismo somente pela ótica pessoana.

Em *Mundividência esotérica e poética iniciática de Fernando Pessoa*, Zhou Míau (2011), ao falar do neopaganismo pessoano, retoma a possível origem e o percorrer histórico dessa corrente que influenciou diretamente o campo das artes.

Há cinco séculos atrás, foram descobertos antigos documentos greco-latinos, entre os quais havia textos esotéricos, como os sobre o pensamento hermético e platônico. Esta antiga sabedoria inspirou os artistas e estudiosos italianos, abrindo o caminho para o Renascimento. Depois do Renascimento, os deuses pagãos (geralmente gregos ou latinos) regressaram e deixaram uma marca significativa em certo Romantismo e sua descendência. Educado dentro do sistema do ensino britânico, Fernando Pessoa teve contacto com os clássicos greco-latinos, assim como com os autores victorianos da revivência pagã, entre os quais se destacam Matthew Arnold, Walter Pater e Oscar Wilde. (MIAU, 2011, p. 10).

Não foram só os renascentistas ou românticos que se apropriaram do neopaganismo. No início do século XX, acompanhando o fenômeno da efervescência ocultista e contrapondo o racionalismo dos positivistas, surge outra vez o pagão nas artes e na literatura. Fernando Pessoa,

²⁶ A palavra “paganismo” é originária do latim (*pagus*) e significa “rústico”. Ramos (1998) mostra que no final da Antiguidade e durante a Idade Média a palavra “paganismo” designa aqueles que não eram cristãos, que eram adeptos às religiões tradicionais antigas (“rústicas”). No decorrer da história o vocábulo foi designando novos nuances como, por exemplo, quem acredita em vários deuses, contrapondo as religiões monoteístas do cristianismo, judaísmo e islamismo.

atento a esse surgimento, se manifesta a respeito do retorno do paganismo. O poeta, através da voz de Ricardo Reis, critica a posição de ensaístas que falavam sobre o pagão, que, segundo ele, não acertaram no “verdadeiro ideal pagão. Para repudiar o falso paganismo e descobrir o autêntico paganismo, é preciso voltar à fonte original” (MIAU, 2011, p. 10).

Diante do universo fragmentado do sujeito moderno que tem seu ser cindido, Miau (2011, p.10) explica que o regresso ao mundo antigo arquitetado na estabilidade e na harmonia era considerado como uma forma de sanar a instabilidade da modernidade: “Este mundo para Pessoa é a Antiga Grécia, que, sendo o berço da civilização europeia, está ligada por conseguinte à cultura portuguesa”. E é no paganismo helênico e esotérico que o poeta encontra respostas e refúgio. Vejamos o fragmento textual:

O paganismo helênico tem duas feições: a exotérica, que é a do mito popular e admite os deuses, objectivista, patente, consoante o são todas as manifestações populares, e sobretudo, todas as manifestações do espírito grego; e a esotérica, que o heleno aprendia apenas nos mistérios, a parte oculta do Paganismo, ligada intimamente – mais, mesmo, que a aparente e normal – aos velhos cultos sacerdócios do Egipto e do Oriente indefinido. Em Pitágoras emerge, afirma-se em Platão, este esoterismo pagão. Porque emerge? Porque o espírito da filosofia pagã começou da limitação objectivista. Desceu às cavernas das iniciações. Abriu portas insuspeitas no mistério da alma humana. (PESSOA *apud* MIAU, 2011, p. 11)

Em seu estudo, Miau (2011, p. 26) salienta que o neopaganismo pessoano tem como célula nuclear a visão objectivista que permeia toda obra caeiriana em que “a natureza é marcada pela sua pluralidade, como diz Caeiro, ‘a Natureza é partes sem um todo’”. O autor (*op.cit.*) ainda aponta como o paganismo ou Neopaganismo se revela em cada heterônimo a partir do resgate de um dos textos²⁷ que constituem as esparsas *Notas de recordação do meu mestre Caeiro*. Quando pensamos o neopaganismo em Fernando Pessoa ortônimo, deparamo-nos com uma questão complexa, afinal, como esclarece Miau (2011), o ortônimo não era apenas um adepto, mas um teorizador do programa neopagão e produtor de textos referentes ao tema com a finalidade de projetar a obra caeiriana. Indo na esteira de Steffen Dix, Miau (2011) resgata o fato de que Pessoa projetou uma nova forma de Paganismo:

(...) ele chegou a desenvolver uma nova forma de paganismo, o “Paganismo Superior” que contém “fortes referências ao Neoplatonismo e ao antigo imperador romano Juliano o Apóstata”. Este “Paganismo Superior” é marcado pela sua pluralidade ou universalidade religiosa, junta com um teor do nacionalismo mítico (que encontrará o

²⁷ Segue o fragmento sobre o paganismo em cada heterônimo: “O meu mestre Caeiro não era um pagão: era o paganismo. O Ricardo Reis é um pagão, o António Mora é um pagão, eu sou um pagão; o próprio Fernando Pessoa seria um pagão, se não fosse um novelo embrulhado para o lado de dentro. Mas o Ricardo Reis é um pagão por carácter, o António Mora é um pagão por inteligência, eu sou um pagão por revolta, isto é, por temperamento. Em Caeiro não havia explicação para o paganismo; havia consubstanciação. (CAMPOS *apud* MIAU, 2011, p. 15).

seu eco na ideia de “Quinto Império” de Pessoa): “todos os protestantismos, todos os credos orientais, todos os paganismos mortos e vivos – fundindo-os portuguesesmente no Paganismo Superior”. (*Ibid.*, p. 16).

Por fim, o autor (*op.cit.*) conclui que o neopaganismo em Fernando Pessoa atua em uma dimensão iniciática, primando pela busca permanente da elevação, pelo aprimoramento do espírito humano.

3.5 Teosofia

Em 1875, Helena Petrovna Blavatsky, também conhecida por H. P. B., funda a associação denominada The Theosophical Society (“A Sociedade Teosófica”, doravante ST), alavancado a vertente ocultista da teosofia. Essa sociedade tinha o objetivo central de incentivar pesquisas e difundir o conhecimento das leis que regem o Universo (BLAVATSKY, 1991, p. 26). O nome “teosofia”, conforme a própria Blavatsky (1991), tem como significado:

"Saber Divino", Θεοσοφία (Theosophia) é Sabedoria dos deuses, como Θεογονία (Theogonia), genealogia dos deuses. A palavra Θεοα, em grego significa um deus, um dos seres divinos, e de modo nenhum "Deus", no sentido que atualmente damos a esse termo. Não é, portanto, a "Sabedoria de Deus", segundo traduzem alguns, mas sim Sabedoria Divina, a possuída pelos deuses. O vocábulo tem milhares de anos de existência. (BLAVATSKY, 1991, p. 13)

A origem da palavra “teosofia” remete aos filósofos alexandrinos. O uso dessa palavra ocorre durante o terceiro século da nossa era, sendo empregada por Amônio Sakas e seus discípulos, fundadores do Sistema Teosófico Eclético. Os integrantes desse sistema (que serviram de inspiração para a formatação da ST) eram intitulados “amantes da verdade” e daí vem o lema da ST: “não há religião superior à verdade” (BLAVATSKY, 1991, p. 14). Conforme Azevedo (2009), autor do prefácio *O livro perdido de Dzzyan* (2009), H. P. B. tinha desprezo pela opinião pública, no sentido de não tencionar agradar a ninguém, sua preocupação era estar alinhada à verdade. Azevedo (2009, p. 25) relembra o *Programa original da Sociedade Teosófica*, publicado em 1886, que comporta os principais objetivos dessa sociedade:

- 1) A fraternidade universal
- 2) Seus membros não deverão ser distinguidos por raça, credo ou posição social; cada um deles deverá ser avaliado de acordo com seus méritos pessoais.
- 3) Estudar as filosofias do Oriente – especialmente as da Índia, apresentando-as gradualmente ao público em vários trabalhos que interpretarão as religiões esotéricas à luz dos ensinamentos esotéricos.
- 4) Opor-se ao materialismo e ao dogmatismo teológico de todas as maneiras possíveis, demonstrando a existência de forças desconhecidas da ciência na natureza e a presença de poderes psíquicos e espirituais no homem.

Quanto ao cunho ocultista da ST, no livro *A chave para teosofia*, Blavatsky (1991, p. 39) esclarece que ocultismo e teosofia não são idênticos, mas que um verdadeiro ocultista é também um teósofo e que para se ser um bom teósofo não precisa, necessariamente, estar dentro dessa sociedade, desde que siga os preceitos da busca pela verdade. H. P. B. (*op.cit.*) também revela que essa sociedade é uma organização iniciática e discipular: qualquer pessoa pode integrar a sociedade, mas o acesso a determinados conhecimentos esotéricos é dado a poucos, acontece via iniciação e com a presença de um mestre. Conforme a autora (*op.cit.*), é quase impossível que alguém consiga percorrer de forma segura o caminho esotérico através da auto iniciação. Ela reforça a importância de o estudo ter a supervisão de um mestre “ninguém sozinho pode ter a menor ideia do significado do verdadeiro Ocultismo” (*Ibid.*, p. 36).

Blavatsky (1991) ainda explana nesse seu livro a relação esotérica e exotérica existente em organizações e filosofias, à medida que salienta a potência esotérica pulsante da ST, e que como todos os antigos a teosofia está dividida em duas partes: a esotérica e a exotérica. Segue o trecho em que a autora faz um resgate histórico comparativista de diversas vertentes ocultistas e religiões para falar sobre esoterismo:

(...) cada culto religioso, ou melhor, filosófico antigo, compreendia um ensinamento esotérico ou secreto, e um culto exotérico (público). Outro fato bastante conhecido é que os mistérios dos antigos dividiam-se em "maiores" (secretos) e "menores" (públicos); como nas solenidades chamadas na Grécia de Eleusianas. Desde os Hierofantes de Samotrácia, Egito, os brâmanes iniciados da Índia antiga, até os rabinos hebreus, todos, por temor à profanação, ocultaram suas verdadeiras crenças. (...) Na antiguidade nenhuma nação jamais divulgou, através de seus sacerdotes, seus verdadeiros segredos filosóficos para as massas, dando a estas somente a parte exterior deles. (...) Pitágoras denominava a sua Gnose "o conhecimento das coisas que são" (...), e reserva esses conhecimentos somente para seus discípulos que haviam jurado guardar segredo; (...). Os alfabetos ocultos e as cifras secretas são o desenvolvimento dos antigos escritos hieráticos egípcios, cujo segredo estava antigamente em poder dos hierogramatistas, sacerdotes egípcios iniciados. De acordo com seus biógrafos, Amônio Sakas juramentava a seus discípulos para que não divulgassem suas doutrinas superiores, exceto àqueles que já haviam sido instruídos nos conhecimentos preliminares, e que também estavam ligados por juramento. Finalmente: não encontramos o mesmo costume no Cristianismo primitivo, entre os Gnósticos, e até nos ensinamentos de Cristo? Acaso não falou ele às massas em parábolas de duplo sentido, explicando unicamente aos discípulos seus motivos? "A vocês — disse — é dado conhecer os mistérios do reino dos céus; mas aos de fora todas essas coisas se explicam em parábolas" (Marcos, IV. 11) (...) Exemplos deste tipo podem ser encontrados em todos os países (BLAVATSKY, 1991, p. 19 - 21)

Por fim, Blavatsky (1991, p. 32) reforça que não são os únicos e nem os primeiros a difundir o que chamam de verdade, de teosofia. E que não estão ligados a qualquer religião ou filosofia específicas: “escolhemos o bom que em cada uma encontramos”. Seus membros

também podem estar ligados à ST e professar uma religião ou filosofia à parte, lembrando que a organização abriga todos os credos e etnias.

Fernando Pessoa, tradutor de inúmeros textos teosóficos, entre eles *A voz do silêncio*, de H. P. Blavatsky (2002), compartilha, como falamos anteriormente, sua profunda e contrastiva impressão a respeito da teosofia em carta, em 1915, a Mario de Sá-Carneiro: “A Teosofia apavora-me pelo seu mistério e pela sua grandeza ocultista, repugna-me pelo seu humanitarismo e apostolismo (...). E o horror e a atracção do abismo realizados no além-alma. Um pavor metafísico, meu querido Sá-Carneiro!” (PESSOA *apud* QUADROS, 1986, p. 122).

Por fim, após compreendermos o que é ocultismo e conhecermos mais a fundo algumas das vertentes ocultistas sobre as quais Fernando Pessoa produziu textos e estudou, estamos aptos a analisar se e como o oculto aparece nos poemas de Pessoa.

4 O ITINERÁRIO AO MISTÉRIO: POEMAS OCULTISTAS DE FERNANDO

PESSOA

Há um poeta em mim que Deus me disse...

Fernando Pessoa²⁸

O desejo do homem em apreender aquilo que é oculto, muitas vezes, motivou indivíduos de diferentes épocas a buscar uma outra realidade encharcada pelo mistério, pelo desvendar do enigmático, a busca por si e além de si, a percorrer domínios onde dormem todos os segredos. Em seus estudos, Antonio Quadros (1988 p. 191) afirma que o ocultismo, o divino, a busca pelo que transcende é o cerne profundo de toda obra de Fernando Pessoa, e é também a “de mais aproximação e leitura”. O autor (*op.cit.*) atenta para o fato de muitos pesquisadores pessoanos preferirem evitar ou mesmo ignorar o ocultismo em Pessoa. Para Quadros, negar as dimensões esotéricas ou místicas da vida e da obra de Fernando Pessoa, recusar a se ter um mínimo entendimento por essas dimensões reflete diretamente no alcance da “compreensão plena do gênio do poeta.” (*Ibid.*, p. 193). Quanto isto, Quadros reitera

Raros foram os críticos que puderam ou ousaram percorrer ao seu lado caminhos que largamente excedem os horizontes da historiografia ou da crítica literárias, pois nem a todos é dado, em época de ideologia racionalista e cientificista, querer, poder, saber, escutar e decifrar uma linguagem fundamentalmente simbólica como é a sua. (*op.cit.*, p. 193)

Ou seja, para que apreendamos os mais diversos níveis de leitura da obra pessoana, é importante acolhermos a face ocultista de sua literatura. O autor (*op.cit.*, p. 193) ainda afirma que o próprio poeta advertiu sobre a forma de serem lidos seus escritos, postulando, em nota preliminar em *Mensagem* (2018), condições fundamentais para a compressão da linguagem simbólica utilizada por ele²⁹. Dessa forma, após percorrermos a trajetória de Fernando Pessoa

²⁸ 1996, p. 53.

²⁹ Segue a nota preliminar de *Mensagem*:

no ocultismo e nos inteirarmos sobre o que é a ciência oculta, buscando compreender um pouco das vertentes ocultistas que elegemos, partimos agora para o estudo do oculto nos poemas de Pessoa. Para tal empreendimento, selecionamos poesias e mapeamos elementos ou a presença de uma filosofia advindos das seguintes linhas esotéricas: Rosa-cruz, Maçonaria, alquimia, neopaganismo e teosofia. Essas cinco foram as correntes escolhidas como principal foco de nossas análises, entretanto, à medida que fomos trabalhando, constatamos a presença de grande diversidade de elementos e filosofias de diferentes linhas ocultistas na poesia pessoana, revelando importante complexidade simbólica e capacidade de abrigo a inúmeros níveis de leitura.

O interesse do poeta pela ordem Rosa-cruz verte com nitidez aos versos do poema “No túmulo de Christian Rosenkreutz”³⁰, clara homenagem ao personagem mítico fundador dessa ordem. O poema abre com um trecho do manifesto Rosa-cruz, *Fama Fraternitatis*, referente ao encontro do túmulo de Rosenkreutz, em que além de o corpo do defunto se manter intacto às ações do tempo, guarda consigo a chave do conhecimento e ensinamentos da ordem.

Não tínhamos ainda visto o cadáver de nosso Pai prudente e sábio. Por isso afastamos para um lado o altar. Então pudemos levantar uma chapa forte de metal amarelo, e ali estava um belo corpo célebre, inteiro e incorrupto..., e tinha na mão um pequeno livro em pergaminho, escrito a ouro, intitulado T., que é, depois da Bíblia, o nosso mais alto tesouro nem deve ser facilmente submetido à censura do mundo. [FAMA FRATERNITATIS ROSAEAE CRUSIS]. (PESSOA, 1996, 108).

O entendimento dos símbolos e dos rituais (simbólicos) exige do intérprete que possua cinco qualidades ou condições, sem as quais os símbolos serão para ele mortos, e ele um morto para eles. A primeira é a simpatia; não direi a primeira em tempo, mas a primeira conforme vou citando, e cito por graus de simplicidade. Tem o intérprete que sentir simpatia pelo símbolo que se propõe interpretar. A segunda é a intuição. A simpatia pode auxiliá-la, se ela já existe, porém não criá-la. Por intuição se entende aquela espécie de entendimento com que se sente o que está além do símbolo, sem que se veja. A terceira é a inteligência. A inteligência analisa, decompõe, reconstrói noutro nível o símbolo; tem, porém, que fazê-lo depois que, no fundo, é tudo o mesmo. Não direi erudição, como poderia no exame dos símbolos, é o de relacionar no alto o que está de acordo com a relação que está embaixo. Não poderá fazer isto se a simpatia não tiver lembrado essa relação, se a intuição a não tiver estabelecido. Então a inteligência, de discursiva que naturalmente é, se tornará analógica, e o símbolo poderá ser interpretado. A quarta é a compreensão, entendendo por esta palavra o conhecimento de outras matérias, que permitam que o símbolo seja iluminado por várias luzes, relacionado com vários outros símbolos, pois que, no fundo, é tudo o mesmo. Não direi erudição, como poderia ter dito, pois a erudição é uma soma; nem direi cultura, pois a cultura é uma síntese; e a compreensão é uma vida. Assim certos símbolos não podem ser bem entendidos se não houver antes, ou no mesmo tempo, o entendimento de símbolos diferentes. A quinta é a menos definível. Direi talvez, falando a uns, que é a graça, falando a outros, que é a mão do Superior Incógnito, falando a terceiros, que é o Conhecimento e a Conversação do Santo Anjo da Guarda, entendendo cada uma destas coisas, que são a mesma da maneira como as entendem aqueles que delas usam, falando ou escrevendo. (PESSOA, 2018, p. 6)

³⁰ PESSOA (1996, p. 108-110). Ver poema na íntegra no Anexo A.

A estrutura do poema consiste em três partes, cada parte é um soneto autônomo. Na primeira parte, deparamo-nos com a filosofia Rosa-cruz oriunda da cosmogonia dos gnósticos que entendia o universo a partir da dualidade entre matéria e espírito (MCINTOSH, 2001, p. 38), o *pneuma* (centelha divina), aqui relacionado à alma, representa o espírito aprisionado ao corpo, sendo este da dimensão da criação da matéria (“Essa queda até Corpo, essa descida / Até a Noite que nos a Alma obstruiu,”). Esse aprisionamento representa a queda do espírito à matéria, ou seja, os seres humanos, frutos do supremo Deus, caíram em um mundo de matéria moldado pelo demiurgo – “um rebento do intelecto divino” (MACINTOSH, 2001, p. 42) –, um deus menor. No quarto verso, “Até a Noite que nos a Alma obstruiu”, temos a noite como elemento que obstrui a alma. Para Chevalier e Gheerbrant (2006, p. 640) uma das simbologias ligadas à noite é a do “desaparecimento de todo o conhecimento distinto, analítico, exprimível”. A noite faz a conexão com a inconsciência dos homens perante sua origem e a parte divina que os integra. Essa inconsciência metaforiza o estado de sono, de ilusão, ou, como explica McIntosh (2001, p. 39), “enquanto os humanos se mantiverem na ignorância de suas verdadeiras posições, pelo demiurgo, continuarão prisioneiros”. Assim, o “despertar” representa a consciência de si mesmo e a consciência de que se é um componente de um plano maior que a realidade apreendida (“Quando, despertos deste sono, a vida, / Soubermos o que somos, e o que foi”). A ideia da existência de um Deus supremo e de um deus menor (criador da matéria) é expressa na última estrofe dessa primeira parte: “Deus é o Homem de outro Deus maior: / Adam Supremo, também teve Queda: / Também, como foi nosso Criador”.

A segunda parte do poema evoca, conforme Lind (1981, p. 296), a concepção de criação a partir da ordem que é

(...) no princípio era a Palavra e a Palavra morava entre nós – trata-se aqui do “Logos” do Evangelho segundo S. João. Ligado a ele está a interpretação especificamente rosacrucianista dum obscurecimento da palavra pela Queda (de Deus e de Adão). A segunda estrofe comprime as diversas etapas de regeneração, descritas pelo fragmento em prosa, em quatro linhas: o homem pode reencontrar a palavra, se descobrir em si próprio a abóbada em que se encontra hospedada a sua alma superior.

O poeta reforça que o homem, na sua prisão da matéria, vive a esfera da sombra, a sombra de si mesmo, do que não é gnosticamente o real, em que o “verbo”, elemento da ordem do divino e provedor da libertação, está ausente e perdido. Entretanto, através da consciência que se abre para o conhecimento além do concreto, o conhecimento divino, a realidade, que é sombra, pode ser transcendida. A rosa, que, como diz o poema, é perfeita, é também símbolo do “renascimento místico” (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2006, p.789). Tal “Rosa em Deus

crucificado” (com Deus no sentido de Cristo) lembra a rosa no centro da cruz, resgatando o símbolo da Rosa-cruz. Em outras palavras, através dos conhecimentos rosacrucianos, é possível alcançar a libertação da alma. Através do processo de iniciação se começa uma nova e verdadeira vida.

Mas se a Alma sente a sua forma errada,
Em si, que é Sombra, vê enfim luzido
O Verbo deste Mundo, humano e ungido
Rosa Perfeita, em Deus crucificada.

Quanto à simbologia do Deus (Cristo) e da rosa nessa parte do poema, Lind (1981, p. 297) resgata um manuscrito inédito de Pessoa que explica que “Cristo é a representação simbólica, humanizada, do processo..., pelo qual a Realidade passou do Caos e da Noite (Destino) para os Deuses”.

A terceira parte do poema reforça a noção de que a realidade concreta em que o homem está inserido é uma prisão e que este homem é apenas sombra do seu eu verdadeiro: “Ah, mas aqui, onde irreais erramos, / Dormimos o que somos, e a verdade”. Enquanto a maioria dos homens permanece com sua consciência em estado de dormência, Rosenkreutz, transcende sua própria morte (“Calmo na falsa morte a nós exposto, ”) e traz consigo as chaves para redenção (“O Livro ocluso contra o peito posto, ”) e do conhecimento oculto que liberta e a que apenas alguns poucos tem acesso (“Nosso Pai Roseacruz conhece e cala. ”). Crespo (1990, p. 375) traz uma leitura complementar a esse poema, explicando que as três partes que o compõem representam os três graus do Adepto. Além disso, o poema traz em seu corpo outras referências, como a de “Adão Supremo”, semelhante a ‘Adan Kadmon da Cabala’.

Outro poema que faz menção à ordem Rosa-cruz é “O Encoberto”, poema integrante da terceira parte da obra *Mensagem*.

O ENCOBERTO ³¹

Que symbolo fecundo
Vem na aurora anciosa?
Na Cruz Morta do Mundo
A vida, que é a Rosa.

Que symbolo divino
Traz o dia já visto?
Na Cruz, que é o Destino
A Rosa, que é o Christo.

Que symbolo final
Mostra o sol já disperso?
Na Cruz morta e fatal

³¹ PESSOA, 1996, p. 85.

A Rosa do Encoberto.

O poema “O Encoberto” traça uma comparação entre Cristo e D. Sebastião³² (“o encoberto”). Camocardi (1996, p. 79) se debruçou profundamente sobre *Mensagem* (2018) em seu livro *Mensagem: história, mito e metáfora* (1996) e clarifica que essa comparação “é patente desde as profecias, na sua missão de vida e morte e na ressurreição”. Dessa forma, D. Sebastião é o próprio símbolo do messias que libertará Portugal, resgatando as glórias do país. Ao lado dessa alegoria cristã, elementos simbólicos da Rosa-cruz, como a cruz e a rosa, marcam o poema.

No emblema Rosa-cruz, encontramos a rosa disposta no centro da cruz. A cruz representa o corpo humano (matéria) e a rosa (espírito) o despertar ou a expansão da consciência do indivíduo. Chevalier e Gheerbrant (2006) explicam que a rosa simboliza a taça da vida, a alma, o coração, o amor. Para a iconografia cristã, os autores (2006, p.788) ressaltam que “a rosa é ou a taça que recolhe o sangue de Cristo, ou a transfiguração das gotas desse sangue, ou o signo das chagas de Cristo.” Além disso, a cruz com a rosa no centro evoca a imagem do coração de Cristo, o Sagrado Coração. Por esse aspecto, a rosa pode ser vista como um símbolo do renascimento místico, devido sua relação com o sangue derramado. Essa flor também está relacionada aos mistérios da iniciação.

Camocardi (1996, p. 79), através de Chevalier e Gheerbrant, amplia a interpretação da rosa ao revelar que “na doutrina rosacruzianista, as cinco rosas dispostas nas extremidades e no centro da cruz evocam o Santo Graal e o orvalho celeste da Redenção”. Camocardi explica que a cruz simboliza o céu e a terra, o ponto de fusão do espaço e do tempo e os sofrimentos e desafios a serem enfrentados no percurso da vida. Assim, em “O Encoberto”, a rosa personifica a espiritualidade, enquanto a cruz, a matéria.

³² Conforme aclara Comacardi (1996), após desaparecimento de D. Sebastião na batalha de Alcácer-Quibir, segundo as profecias, o rei voltaria “encoberto”. Alguns diziam que D. Sebastião, “encobrindo” sua identidade, vivia em lugares santos, como um eremita, ou em alguma ilha, e que um dia, depois de purificado pelo sofrimento e pela penitência, regressaria à pátria. Camocardi (1996) relembra que D. Sebastião foi morto nos campos de Alcácer-Quibir, com 8.000 de seus homens, deixando 15.000 soldados reféns dos mouros. Este fato se configurou como uma das maiores catástrofes ocorridas na história de Portugal: além das mortes em batalha, centenas de soldados em cativeiro renderam sacrifícios aos portugueses. Além disso, a coroa ficou sem nenhum herdeiro e após a breve passagem de D. Henrique pelo trono, Portugal torna-se território da Espanha, pois Felipe II, rei espanhol, estava na linha sucessória do trono português. Apesar da resignação, os portugueses sentiam falta de sua independência. Ninguém sabia ao certo se D. Sebastião havia realmente morrido e, devido a isto, iniciaram-se os boatos de que o rei voltaria. Mesmo após os mouros entregarem o corpo do D. Sebastião a Felipe II, dúvida e mesmo esperança a respeito da identidade do defunto cruzou o território de norte a sul, o que só fortaleceu a lenda do regresso de D. Sebastião.

Quanto ao aspecto formal do poema, nos dois últimos versos de cada uma das três quadras, podemos perceber uma transformação nas relações simbólicas da cruz e da rosa. Na primeira quadra, encontramos a seguinte construção: “Na Cruz Morta do Mundo / A vida, que é a Rosa.”, sendo a cruz antípoda da rosa no contexto morte-vida, matéria-espírito. Na segunda quadra, surge “Na Cruz, que é o Destino / A Rosa, que é o Cristo.”. A cruz se configura em destino, jornada, enquanto a rosa amplia seu contexto espiritual para o divinizado. Na terceira quadra encontramos “Na Cruz morta e fatal / A Rosa do Encoberto”. A cruz contextualiza o sofrimento, a morte, enquanto a rosa que é do Encoberto é o próprio oculto, o divino que se revela.

Camocardi (1996, p. 81) atenta ainda para a seguinte “gradação metafórica” do poema: “‘Vida’ = ‘Rosa’, ‘Rosa’ = ‘Christo’, ‘Christo’ = ‘Encoberto’, portanto, ‘Encoberto’ = ‘Christo’”. E também para a relação: “na evolução gradativa da aurora, eleva-se o símbolo (‘fencundo’, ‘divino’, ‘final’), numa cruz (‘Morta’, ‘Destino’, ‘morta e fata’”), isto é, o símbolo da Rosa-cruz” (CAMOCARDI, 1996, p. 80). A rosa pode ser interpretada como o renascimento místico, o novo Cristo, no caso, o “Encoberto”, que em uma dimensão sebastiânica é o próprio D. Sebastião, que retornará e levará Portugal a se tornar o Quinto Império, o novo império místico. Além disso, conforme Camocardi (1996, p. 80), o uso do termo “encoberto” evoca a ideia do que permanece no nevoeiro, caracterizando o período de crise por que passa Portugal, em que a visão do homem se tornou superficial e embaçada pela confusão dos sentidos. Enquanto a cruz associa-se aos tormentos e provações a serem passadas, revelando o destino. Assim, o espiritual e o carnal confundem-se no cumprimento desse destino. Camocardi (1996) então conclui que, assim como Cristo foi o enviado de Deus cujo destino era a salvação do mundo através de seu sacrifício, D. Sebastião é também um enviado divino que através de seu destino de tormentos e sacrifícios trará à Portugal sua redenção.

Além da simbologia Rosa-cruz, “O Encoberto” trabalha com a numerologia do número três, sugerindo uma leitura do poema pelo viés da Santa Cabala. Entretanto, não nos deteremos a essa questão. O que se deseja perceber aqui é a riqueza simbólica construída por Fernando Pessoa a partir do seu conhecimento como ocultista.

Por fim, uma outra relação simbólica que podemos refletir sobre o poema é o título “O Encoberto”. Além de dialogar com a lenda de que, supostamente, D. Sebastião sobrevivera à batalha e decidira por uma vida monástica em segredo, ou com a lenda de que, encoberto, D. Sebastião retornaria a Portugal (CAMOCARDI, 1996), propomos um outro nível de leitura. A palavra “encoberto”, para nós, funciona também como uma representação, uma “chave” para a verdade ocultada, aquilo que é conhecimento oculto, portador da iluminação e da redenção.

Como o poema trabalha com a palavra “símbolo”, acreditamos que esse símbolo não está apenas representado na relação “rosa” e “cruz”, mas no próprio título que funciona como um símbolo, no caso, representando os ensinamentos ocultistas.

Fernando Pessoa diz não ser um maçom, mas é conhecedor da ordem. Entretanto, muitos suspeitam que o poeta possa ter estabelecido laços com a Maçonaria e só não os expunha a público por motivos de discrição exigida pela ordem. Apesar das suspeitas, não existem registros que comprovem ou não esses laços. Quanto a isso, Ribeiro (2009) relembra que uma das possíveis razões de não existirem registros é o fato de que o Grande Oriente Lusitano, única obediência portuguesa de época pessoana, sofreu, em 1929 e 1935, assaltos e vandalizações, tendo assim a maioria de seus documentos destruídos.

O conhecimento de Pessoa a respeito dos símbolos maçônicos e rituais dessa ordem é notável. Em um poema sem título e inacabado, o poeta traça a experiência do sujeito poético pelos caminhos do ocultismo, utilizando ao longo do texto elementos da Maçonaria, como mostra o trecho a seguir:

Com o escopro e o malhete do alcançar³³
Quebrei a Pedra Cúbica do Altar
E a Pedra Cúbica se abriu em Cruz.

Quebrara o altar, então a mim quebrei
então em sangue
Sobre o centro da Cruz me derramei.

O escopro (ou cinzel), o malhete e a pedra cúbica são símbolos maçônicos, conforme aponta Pappas (2003). O cinzel, segundo Figueiredo (2011), em seu *Dicionário de Maçonaria*, é o instrumento do grau Aprendiz que com o malho (ou malhete) serve para lapidar a pedra bruta, símbolo da personalidade não educada e polida. O cinzel também evoca o intelecto. A pedra cúbica expressa a noção de estabilidade, representa o equilíbrio, objetivo alcançado (CHEVALIER E GHEERBRANT, 2006). Assim, através do conhecimento e intelecto, guiado pela simbologia do escopro e do malhete, o homem vai lapidando sua personalidade, a pedra bruta, até alcançar o aperfeiçoamento espiritual e o equilíbrio que o leva a um estado superior, tornando-se pedra cúbica.

Nesse trecho do poema, deparamo-nos com um conflito: o sujeito poético utiliza os instrumentos que lapidam a pedra para quebrá-la, como se estivesse rompendo com o equilíbrio e o aperfeiçoamento espiritual até então adquiridos. Em um outro nível de leitura, percebemos uma referência ao sacrifício da esfera crística, pois a pedra cúbica, ao ser quebrada pelo sujeito

³³ PESSOA, 1996, p. 88-91. Ver poema na íntegra no Anexo B.

poético, se abre em cruz, e no centro desta pedra aflora o sangue derramado do sujeito poético. Só a partir dessa “entrega”, desse sacrifício, do transcender as “cinco chagas” é que o sujeito poético encontra a paz, o entendimento e a redenção, simbolizados pela rubra flor de cinco pétalas que abre em seu peito.

Se analisarmos o poema na íntegra, o sujeito poético canta suas conquistas, conquistas estas as quais poucos que entram na senda do ocultismo conseguem alcançar, como mostram os versos: “Vi Anjos, toquei Anjos, mas não sei / Se Anjos existem. Tal me achei ao fim”. Contudo, o sujeito poético abençoado por visões transcendentais, capaz de tocar anjos, de chegar aonde poucos alcançaram (“Quam alto fui para o que todos são!”), sofre com o conflito de ter conquistado esse poder, conforme exprimem os seguintes versos:

Poder! Poder! Ah, sempre a maldição
 Da substancia do mundo! Quem me dera
 Quem me nascera no ermo, coração
 Antes a ansia de ser só mesquinho,
 Antes um somno cheio de perdão,
 E ser agora qual menino eu era,
 Da verdade mais próximo visinho.
 (Dos mesmos Anjos mais fiel visinho).

Esse desejo de conquista pelo poder que conduz o sujeito poético ao estado de vazio revela uma crítica a todo aquele que entra na senda do oculto guiado por um desejo superficial, incapaz de perceber o que representa o caminho do ocultista, algo maior do que apreender símbolos, rituais e ter visões do plano etérico.

Fernando Pessoa, como relatamos no primeiro capítulo desse trabalho, não foi conhecedor de apenas uma ou duas ordens ocultistas, nem se deteve a apenas uma. Como sua poesia pode dizer e nos provar por si só, o poeta foi um estudioso dos muitos caminhos que levam ao oculto. O poema “Eros e Psique” é costurado por um mosaico de filosofias ocultistas, debruçaremos nossa análise no seu viés alquímico. “Eros e Psique” tem como epígrafe um trecho do *Ritual do Grau de Mestre do Átrio na Ordem Templária de Portugal*: “... E assim vedes, meu Irmão, que as verdades que vos foram dadas no Grau de Neófito, e aquelas que vos foram dadas no Grau de Adepto Menor, são, ainda que opostas, a mesma verdade”. Nesta epígrafe ecoam ensinamentos da literatura hermética como “o que está em baixo é como o que está em cima” e que é base para muitas das vertentes ocultistas. O trecho do ritual, na verdade, funciona como uma das chaves de leitura do poema, chave esta apta a abrir a dimensão do oculto encerrada nas metáforas.

Em “Eros e Psique”, o tom onírico presente nos contos de fadas e lendas configura o início do poema. Em seguida, os personagens, a Princesa e o Infante, são-nos apresentados, assim como o destino que fora traçado aos dois.

EROS E PSIQUE ³⁴

Conta a lenda que dormia
Uma Princesa encantada
A quem só despertaria
Um Infante, que viria
De além do muro da estrada.

Ele tinha que, tentado,
Vencer o mal e o bem,
Antes que, já libertado,
Deixasse o caminho errado
Por o que à Princesa vem.

A Princesa Adormecida,
Se espera, dormindo espera.
Sonha em morte a sua vida,
E orna-lhe a fronte esquecida,
Verde, uma grinalda de hera.

Longe o Infante, esforçado,
Sem saber que intuito tem,
Rompe o caminho fadado.
Ele dela é ignorado.
Ela para ele é ninguém.

Mas cada um cumpre o Destino –
Ela dormindo encantada,
Ele buscando-a sem tino
Pelo processo divino
Que faz existir a estrada.

E, se bem que seja obscuro
Tudo pela estrada fora,
E falso, ele vem seguro,
E, vencendo estrada e muro,
Chega onde em sono ela mora.

E, inda tonto do que houvera,
À cabeça, em maresia,
Ergue a mão, e encontra a hera,
E vê que ele mesmo era
A Princesa que dormia.

Ao longo do poema, acompanhamos a jornada do Infante. Em seu percurso, as forças invisíveis do destino o encaminham ao encontro de uma princesa. Nem ele, nem ela, sabem da existência de ambos. Poderíamos comparar a jornada do Infante à jornada do herói, em que, através da superação de provações colocadas pelo destino ou forças divinas, o jovem torna-se

³⁴ PESSOA, 1996, p.86-87

o herói, cujo prêmio são as glórias e também o amadurecimento e a sabedoria adquiridos. Pontuamos também que esse Infante vem de longe, muito além do castelo (“Um Infante, que viria / De além do muro da estrada”), como se ele estivesse em uma dimensão exterior, ligado à superfície, enquanto o seu destino o carrega para uma dimensão interior, ao transpor muros e adentrar no castelo, marcando a confluência dessas duas dimensões.

Em “Eros e Psique”, o sujeito poético conta que pelo “processo divino”, o Infante busca sem tino a Princesa que está encantada, dormindo. O encantamento que aprisiona a Princesa evoca o conto de fadas conhecido como “A Bela Adormecida”, em que uma maldição põe a princesa a dormir e ela somente despertará pelo beijo de um amor verdadeiro. Todavia, para a surpresa do leitor, e poderíamos dizer que também se trata do grande ponto de virada do poema, descobrimos que a Princesa é, na verdade, o próprio Infante. Os dois protagonistas do poema simbolizam o encontro, a união do feminino ao masculino. Podemos afirmar que, devido ao destino, ou ao divino, o masculino passa por provações, vive sua jornada do herói, sendo guiado ao encontro do feminino, que está aprisionado por um encantamento. Esse feminino simboliza no poema uma outra face oposta à desse masculino. Juntos, feminino e masculino são uma totalidade. Assim, esse encontro configura a união dos opostos. Na abordagem obscura da alquimia, o significado da 'união dos opostos', a 'união mística', representa a inteireza do ser. (VON FRANZ, 1998).

Dessa forma, do ponto de vista alquímico, “Eros e Psique” representa a jornada de união dos opostos, buscando a totalidade do ser. Quando o feminino e o masculino se fundem, ocorre a transformação, a transmutação de partes em um novo elemento, no caso, de um ser mais inteiro, através da conexão de suas faces. Ribeiro (2009) e Centeno (1985a) em seus estudos relatam da ligação de Fernando Pessoa com a alquimia. Ribeiro (2009) considera que foi a ligação com a Teosofia que levou o poeta ao caminho alquímico. E que foi através do caminho alquímico que o poeta pôde entrar no laboratório da poesia. Poesia e alquimia relacionam-se profundamente. Essa relação pode ser confirmada através do trecho trazido por Ribeiro (2009), um fragmento do ensaio que Pessoa queria escrever sobre Goethe, em 1932, em que descreve o procedimento do poeta por analogia com a do alquimista:

(...) é uma alquimia. O processo alquímico é quádruplo: 1) putrefação 2) albação 3) rubificação 4) sublimação. Deixam-se apodrecer as sensações; depois de mortas embranquecem-se com a memória; em seguida rubificam-se com a imaginação; finalmente se sublimam pela expressão. (RIBEIRO, 2009, p. 64)

Voltando à análise de “Eros e Psique”, a Princesa dorme à espera do Infante que quebrará sua maldição. Em sua frente, traz uma grinalda de hera “E orna-lhe a frente esquecida,

/ Verde, uma grinalda de hera”. Para Chevalier e Gheerbrant (2006) a hera é um símbolo do feminino que revela uma necessidade de proteção. Entretanto, também representa a força vegetativa e a persistência do desejo, ou seja, a Princesa, apesar da maldição, não se entrega ao sono de morte, afinal “Se espera, dormindo espera./ Sonha em morte a sua vida”. É como uma energia adormecida, esperando por seu despertar. Isso evoca a ideia de iniciação, pois todo o iniciado é conduzido para o seu despertar, o despertar de si mesmo para verdadeira vida. Além disso, os autores (2006, p. 486) ainda apontam que a “hera era igualmente consagrada a Átis, por quem a deusa da terra e das colheitas, Cibele, se apaixonara; ela representa o ciclo eterno das mortes e dos nascimentos, o mito do eterno retorno”. Assim, a Princesa, de certo modo, não deixa de simbolizar esse ciclo de morte-renascimento. Enquanto presa ao sono da maldição, é como se estivesse morta, renascendo apenas quando a maldição é quebrada pelo Infante.

Quanto ao título do poema, este faz referência a duas figuras míticas. Eros e Psique personificam, na mitologia, o arquétipo do amor e da alma, do conhecimento e da iniciação. A história conta que o deus do amor, Eros, se apaixonou pela mortal Psique. Por ter desobedecido seu amante, queimando Eros ao tentar ver seu verdadeiro rosto, Psique é posta a provas. Para que a jovem seja digna de permanecer ao lado do deus, Vênus, mãe de Eros, dá a Psique quatro trabalhos a serem realizados. Através da concretização desses trabalhos, Psique e Eros, ficam juntos ao final. Bulfinch (2006), em *O Livro de ouro da mitologia*, afirma que o mito de Eros e Psique é considerado uma alegoria: psique representa a alma humana, purificada pelos sofrimentos e infortúnios e preparada, assim, para gozar a verdadeira felicidade.

Mourão (2009), que analisou sob a ótica esotérica o vitral “Eros e Psique”, de Almada Negreiros, explora sua simbologia gnóstica e hermética. Apesar de seu objeto ser o vitral de Negreiros, acreditamos que este, como colega da revista ORPHEU, tenha se inspirado no poema “Eros e Psique” de Pessoa. Segue um fragmento de sua análise:

Sendo Eros, no momento arcaico, o agente ordenador e unificador dos elementos dispersos do caos (ou seja, o manipulador da prima matéria) e ao mesmo tempo a figura do Amor que une os opostos (isto é, o mediador da conjunção alquímica), os filósofos herméticos tomaram-no como o guia iniciático nos Mistérios que permitem o conhecimento sobre a unidade do Mundo. Por seu turno, Psique (Psyche em latim e Psykhē em grego), que protagoniza a Alma e o Espírito humanos, inicialmente mergulhados no desconhecimento, é considerada como a figura do Neófito guiado por Eros na via do conhecimento superior por meio da iniciação nos processos gnósticos. De acordo com a filosofia hermética, «o significado real da iniciação é, para este mundo em que vivemos um símbolo e uma sombra, que esta vida que conhecemos pelos sentidos é uma morte e um sono, ou, por outras palavras, que o que vemos é uma ilusão». Nesta óptica, Eros é o Eleutério, ou libertador, da condição inferior de Psique e o facilitador do acesso desta ao Conhecimento, ou seja ao entendimento mais elevado e unificado das partes que formam o Cosmos. Através do Amor e da iniciação, Psique torna-se imortal, passa a igualar-se a Eros e a identificar-

se com ele. A união dos cônjuges subentende, pois, a sua equivalência (MOURÃO, 2009, 23-24).

Em suma, Eros e Psique pode também ser lido como metáfora do amor gnóstico unitário, uma alusão ao princípio hermético da complementaridade e da união dos opostos em um único ser (ilustrado pela jornada do Infante em busca da Princesa). Não vamos nos estender na análise gnóstica e hermética desta poesia, entretanto, reforçamos, mais uma vez, a presença de diálogos de mais de uma vertente ocultista em uma só poesia pessoana. Essa diversidade de diálogos ocultistas na poética de Fernando Pessoa demonstra a riqueza literária perante a possibilidade de diversos níveis de leituras latentes em sua obra.

Rosa-cruz, Cabala, Maçonaria, gnosticismo, hermetismo e alquimia, até aqui nossa trajetória analítica percorreu sete vertentes do oculto na poesia de Fernando Pessoa. O próximo poema que trazemos para análise é imbuído de uma filosofia e elementos pagãos, neopagãos e thelenistas. Para alguns críticos, “O último sortilégio” é um poema que tece diálogo intertextual com “Hino a Pã”, de autoria de Crowley (lembrando que Pessoa foi tradutor de “Hino a Pã”). A maior diferença entre os dois poemas é que o de Crowley é um poema mágico, enquanto o de Pessoa é um poema sobre magia, conforme as palavras do próprio Pessoa lembradas por Zenith (2011) em seu estudo. Segue, então, o mapeamento e análise de elementos e filosofias ocultistas presentes em “O último sortilégio”:

Minha varinha, com que da vontade
Falava às existências essenciais,
Já não conhece minha realidade.
Já, se o círculo traço, não há nada,
Murmura o vento alheio extintos ais,
E no luar que sobre além dos matagais
Não sou mais do que os bosques ou a estrada. ³⁵

A varinha é um símbolo presente nas religiões pagãs, neopagãs e do thelenismo. O círculo que é traçado corresponde a parte dos rituais dessas tradições. Vento e luar configuram-se como partícipes simbólicos dessas três vertentes. Zenith (2011) afirma que, na criação desse poema, Pessoa levou em conta os preceitos de Crowley. “O último sortilégio” é uma elegia, uma confissão do sujeito poético, uma mulher praticante de magia, que recorda do tempo em que a Grande Deusa reverenciada por ela era protagonista ativa de seus dias. Um tempo onde as práticas mágicas eram da ordem do palpável e eram reconhecidas e até mesmo temidas: “Já me falece o dom com que me amavam. / Já me não torno a forma e o fim da vida / A quantos

³⁵ PESSOA, 1996, p. 69 - 70. Ver poema na íntegra no Anexo C.

que, buscando-os me buscavam”. Pessoa, em carta a Simões, compartilha uma breve explicação sobre o poema:

Mando-lhe uma composição minha – aliás feita ontem – para a *Presença*; mas realmente não sei se ainda chegará a tempo. Chamo a sua atenção para um pormenor que é preciso vigiar nas provas – o qual pormenor é dois pormenores. Trata-se de não esquecer as aspas que marcam o poema como “dramático”, isto é, falado por terceira pessoa, e de verificar que, como essa pessoa é mulher (e, digamos, bruxa), os adjectivos não saiam no masculino onde a pessoa falante se refere a si mesma. Uma advertência: este poema é uma interpretação dramática da “magia de transgressão”. (PESSOA, 1982, p. 49)

Quadros (1988, p. 206), ao explicar sobre “O último sortilégio”, aponta que elegiacamente Pessoa evoca e revive as deidades como “Grande Deusa-Mãe, a Deusa Egeia, Ísis, Deméter, Afrodite, múltiplos avatares das pré-histórias e fecundas ‘Vênus’ de Lespurgue, de Laussel, de Willendorf”, outrora figuras numinosas e patentes que se perderam pelo tempo. Na leitura do autor (1988), “O último sortilégio” está impregnado

(...) de uma sacralidade antiga, de uma mitogonia arcaica e persistente, de um paganismo a seu ver fiel à pluralidade do cosmos e do ser, o poeta rejeita então a vinda do Deus Cristão e sobretudo a exclusividade do seu monoteísmo dogmático. Antropologista e humanista, a teologia cristão, no seu conceito, terá afastado a seu ver o homem da natureza mágica e, em todos os seus entes animados ou inanimados, transcendentais; terá quebrado o vínculo unitivo das “existências essenciais”. (QUADROS, 1988, p. 207)

Com tudo que aqui expusemos sobre “O último sortilégio”, fica claro que esse é um poema que carrega uma filosofia, elementos e experiências vívidas das tradições do Thelenismo, paganismo e neopaganismo.

Entre os muitos caminhos do ocultismo, há aquele do mestre solitário, do auto iniciado, que não se envolve diretamente com grupos ou sociedades, resguardando-se à sua jornada solitária. Talvez essa tenha sido a opção do poeta. Entretanto, compactuamos com os estudiosos que se arriscam a dizer que Pessoa é um iniciado, mesmo que essa iniciação tenha ocorrido na dimensão do simbólico, do transcendente, ou na dimensão da alma, como explica Centeno (1985a):

Toda verdadeira iniciação se dá na alma. A alma é um templo, é o divino no homem. Para o divino no homem aponta o simbolismo hermético. E não confundamos “divino” com deuses. Os deuses são de fora, pertencem as religiões. O divino é dentro, só de dentro, pertence exclusivamente ao homem. (CENTENO, 1985a, p. 78)

Gebra (2012, p. 49) percorre um caminho similar ao da autora (1985a) em relação à iniciação:

Nas iniciações esotéricas, os rituais estabelecem a dimensão do sagrado e têm como função o despertar da visão psíquica do sujeito, a partir de uma comunicação marcada por símbolos. Para Fernando Pessoa, o símbolo deve ser, pois, primeiramente sentido para que posteriormente seja integrado pelo próprio sujeito.

E embora a iniciação de Fernando Pessoa seja um fato contraditório para muitos biógrafos e críticos, é certo que o poeta possuía conhecimentos de detalhes específicos referentes ao processo de iniciação. Em seu poema “Iniciação”³⁶, configura-se o processo desse rito, em que sujeito poético torna-se um iniciado, um buscador de autoconhecimento. Conforme relata Lind (1981), o poema “Iniciação” é considerado por Simões como centro do ciclo esotérico. O autor (1981) afirma que esse poema é também um exemplo de como o poeta fusiona elementos das tradições ocultistas com sua literatura. Ao analisar esse poema, nos traz a seguinte informação:

(...) no espólio encontra-se a folha seguinte, na qual um Padre da Ordem explica ao neófito: “Recebeste a luz da Ordem em que éreis cego. Ides receber agora a sua Veste de que éreis tu. Agora que recebeste a Luz e a Veste da Ordem, estareis lembrando de que vos falta a Guarida da Ordem. A luz não voz deu mais que luz; mas a luz passa e vem a noite e vós não a tendes. A Veste não vos deu mais que a Veste; por baixo dela sois nu como éreis. A Guarida porém vos dará o onde tendes luz ainda que falte luz de fora, o onde tendes veste, pois tendes abrigo, ainda que na guarida estejais nu. Cego, nu e pobre entraste na vida. Cego, nu e pobre entrareis na morte. Não há, porém, vida nem morte: não há, Neófito, senão vida. O que vos sucedeu ao nascer, vos sucederá ao morrer: entrareis na vida. Isto é a verdade; o entendimento dela é convosco, assim como o regar-vos por ela como deveis”.

Esse trecho resgatado por Lind (1981) dialoga com o andamento do poema em que a voz do sujeito poético, provavelmente o mestre que guia o iniciado, esclarece a trajetória simbólica da iniciação. O final do poema verte uma das frases do trecho quase que literalmente: ‘Não há, porém, vida nem morte: não há, Neófito, senão vida’. Sendo assim, a iniciação é um processo desafiador que “despe” o indivíduo de sua inconsciência, de seus vícios e suas limitações, ampliando sua consciência a um estado de conhecimento divino em que ele percebe que a morte nada mais é do que um símbolo, uma ilusão. Para essa nova vida que se rompe, o iniciado “morre” para seu passado, purificado e pronto para a jornada que o abriga.

Compartilhamos, como curiosidade, a informação que Lind (1981) traz a respeito de outro fragmento pessoano referente ao processo de iniciação³⁷. O autor (1981) observa outro

³⁶ PESSOA, 1996, p. 101. Ver poema na íntegra no Anexo D.

³⁷ O fragmento de Fernando Pessoa (*apud* CENTENO, 1985a, p. 59) a respeito da iniciação é o seguinte:

Há Erros do Caminho, Erros da Estalagem e Erros da Caverna. São Erros do Caminho aqueles em que o próprio caminho é tomado pela sua finalidade. Erros da Estalagem são aqueles em que metade do caminho é tomado pelo todo. São Erros da Caverna aqueles em que a caverna, que é a base do Castelo, é tomada pelo próprio Castelo. (é

poema inspirado em um fragmento que tematiza a jornada do iniciado. Tal poema é “Na sombra do Monte Abiegnó”, ao qual não nos deteremos, mas que pode ser consultado no Anexo D.

A Teosofia adentra a vida de Fernando Pessoa causando profundas contradições em seu espírito. A presença filosófica dessa corrente percorre poemas pessoanos, tanto de Fernando Pessoa ortônimo, foco de estudo deste trabalho, quanto de Ricardo Reis, segundo Lind (1981). Em seu estudo, Ribeiro (2009) considera a teosofia como porta de entrada do poeta para a alquimia. O autor (2009), assim como Lind (1981), tece considerações a respeito da concatenação da teosofia, poesia e teoria estética realizada por Pessoa que se revelam sobretudo em sua prosa sobre temas ocultistas.

“Neste mundo em que esquecemos³⁸”, o sujeito poético reconhece um “Eu Superior” que é o seu “Eu Verdadeiro” disposto na dimensão espiritual em contraposição ao seu “Eu Terreno”: “Somos sombras de quem somos, / E os gestos reais que temos / No outro em que, almas, vivemos, / São aqui esgares e assomos”. Há também um eco de denúncia em relação ao “adormecimento” da sensibilidade espiritual em que vivemos, no sentido de que nossa inconsciência perante à verdade oculta nos torna prisioneiros da realidade que não passa de uma projeção: “Tudo é nocturno e confuso / No que entre nós aqui há. / Projecções, fumo difuso”.

Para a literatura teosófica, o mundo terreno e sua noção de tempo e espaço são transitórios. Por motivos maiores e muitas vezes secretos, o homem nasce nesse mundo terreno para experienciar alguma vivência. Através do “despertar” da sua consciência para algo maior, o homem é capaz de compreender a dualidade “Eu Terreno – Eu Verdadeiro”, libertando-se das amarras da ilusão que o prendem a essa realidade concreta.

Essa dualidade do “Eu” e dos “mundos” (Terreno – Espiritual) caminha ao encontro da fala do poeta em resposta à carta de Casais Monteiro sobre o livro *Mensagem*, em que Pessoa se auto intitula “nacionalista místico”. Esse “nacionalismo místico”, conecta-se diretamente à ideia de Portugal como o “Quinto Império”, mas este “Quinto Império” não se dará no nível da concretude da matéria, e sim em nível espiritual. Assim, podemos dizer que Pessoa canta em *Mensagem* a realização de uma Portugal Místico. Quadros (1988, p. 259) revela um fragmento textual que reforça nossa visão sobre o “Quinto Império” pessoano, em que o poeta diz que: “Todo o Império que não é baseado no Império Espiritual é uma Morte em Pé, em cadáver mandado. Só pode realizar ultimamente o Império Espiritual a nação que fôr pequena (...)”. Fica claro que essa pequena nação possível da realização do Império Espiritual é Portugal. Luna

tomada pela entrada do Castelo). Estes erros são comuns a todos os caminhos e o da Gnose não está mais isento deles do que os caminhos místicos e mágicos.

³⁸ PESSOA, 1996, p. 99. Ver poema na íntegra no Anexo G.

(2005), que trabalhou com numerologia, astrologia e Cabala em *Mensagem*, compartilha a seguinte informação sobre o “Quinto Império” para Pessoa:

“FP, como Vieira, pressupõe ou “profetiza” que o “Quinto Império” será português, assim o poeta escreve em outro poema homônimo não pertencente à *Mensagem*: “O Portugal feito Universo, / Que reúne sobre amplos céus, / O corpo anônimo e disperso / De Osíris, Deus”. (LUNA, 2005, p. 93);

Assim como para Vieira o “Quinto Império” tem uma matriz messiânica, para Pessoa tem uma profunda matriz mística. E, ao lado de Vieira, Pessoa se posiciona como um dos profetas que anuncia o “Quinto Império”. A condição do poeta como um profeta, do poeta como um vidente, como aquele que é capaz de apreender mensagens do cosmo e conferir voz a elas neste mundo, conforme Friedrich (1978, p. 62), é uma imagem que tem as raízes de seu pensamento na cultura da Grécia Antiga. “Tal pensamento foi retomado pelo platonismo renascentista” e chegou até os modernos através de Rimbaud, que se inspirou em um ensaio de Montaigne que combina trechos de Platão sobre a loucura poética. Amparado por todo o universo do oculto que o permeava, a confluência do conceito do “poeta vidente” com a do “vidente esotérico” se torna um conceito palpável e natural para Fernando Pessoa.

No poema “Passos da Cruz”³⁹, publicado em 1914, os quatorze sonetos que o estruturam estão encharcados com a referência à Via Dolorosa (*Via crucis*). Via Dolorosa essa que é transposta ao destino de ser poeta (“Há um poeta em mim que Deus me disse”), que apesar de ser reconhecido como um favorecido de Deus, é marcado por tormentos, provações e pela solidão: “Fadado houvesse de não pertencer / Meu intuito gloriola com Ter / A árvore do meu uso o único pomo...”.

Ao ler “Passos na Cruz” e refletir sobre a trajetória pessoana, Quadros (1988, p. 200) afirma que “a ideia de uma pátria anterior, a recordação de uma vida divinal e pré-humana, guiam o poeta nos seus passos em direção a Deus; mas é uma subida dilacerante para o Calvário, é uma iniciação ao mistério, consagrada em dor, como a de Cristo”. E apesar das dúvidas e desafios que assombraram os passos do poeta, a ideia de ser um arauto de um ser superior, um destinado a transmitir ao mundo a “mensagem”, o fato de crer nessa ideia foi uma das forças movedoras de sua vida, conforme evoca o “Passo XVIII”.

Emissário de um Rei desconhecido,
Eu cumpro informes instruções de além,
E as bruscas frases que aos meus lábios vêm
Soam-me a um outro e anômalo sentido...

Inconscientemente me divido

³⁹ PESSOA, 1996, p. 53-62. Ver poema na íntegra no Anexo H.

Entre mim e a missão que o meu ser tem,
E a glória do meu Rei dá-me desdém
Por este humano povo entre quem lido...

Não sei se existe o Rei que me mandou.
Minha missão será eu a esquecer,
Meu orgulho o deserto em que em mim estou...

Mas há ! Eu sinto-me altas tradições
De antes de tempo e espaço e vida e ser...
Já viram Deus as minhas sensações...

Rosa-cruz, Maçonaria, Thelenismo, gnosticismo, hermetismo, alquimia, paganismo, neopaganismo, teosofia, astrologia e tantas outras correntes ocultistas são pequenos fragmentos portadores da face que constitui o oculto... O oculto que provocou, que fascinou, que assombrou e inspirou Fernando Pessoa, o oculto que o acompanhou em sua trajetória, em seus dias de poema, sonhos e solidão. O oculto que o moveu, o mesmo oculto que se transcendeu em poesia – grande deusa a quem a vida Pessoa devotou.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conforme mostrou-se ao longo deste trabalho, biógrafos como Simões (1958?), Lind (1981), Quadros (1988), Crespo (1990) e Zenith (2011) abordam em seus estudos a relação de Fernando Pessoa com o ocultismo. O fato de o ocultismo em Pessoa ter atraído a atenção de conceituados biógrafos, por si só, já demonstra a relevância em se observar esse aspecto na obra do poeta. Contudo, é importante salientar que muito do que foi produzido sobre o assunto se revelou de difícil acesso, estando esgotadas no mercado a maioria das obras utilizadas para consulta, enquanto outras não estão disponíveis nem mesmo em bibliotecas e algumas ainda só podem ser encontradas em Portugal, como é o caso da maior parte do trabalho de Centeno.

Não restam dúvidas, entretanto, de que o poeta português era um ávido estudioso, crítico e ensaísta dos temas do oculto, como demonstraram os fragmentos textuais de seu espólio consultados através do repositório Arquivo Pessoa e das biografias escolhidas. Além disso, constatou-se ao longo desse trabalho que o líder dos orphistas era também um iniciado no ocultismo, mesmo sendo uma iniciação simbólica, ou seja, uma espécie de “auto iniciação” da esfera do simbólico e do intelectual.

Apesar de o oculto ter acontecido em um nível solitário e introspectivo em Pessoa, sua jornada foi marcada por acontecimentos importantes, como a visita do mago Crowley, o artigo no jornal defendendo a Maçonaria, a carta a Casais Monteiro e o grupo da Revista ORPHEU que era, todo ele, adepto do ocultismo. Além de uma afeição pessoal do poeta pelo oculto, havia também influências externas, como a ascendente onda de ocultismo da época, proporcionando e mesmo estimulando a relação poesia-magia. Assim, “não temos dúvidas do enorme interesse do poeta pelos assuntos ocultos. Sua vida e sua obra mostram-nos um enorme conhecimento sobre as ordens, simbologia maçônica e as religiões antigas” afirma Ribeiro (2009, p. 32), confirmando os resultados encontrados no presente trabalho.

O ocultismo em Fernando Pessoa não se sucede de maneira una. Retomando Ribeiro (2009, p. 80), o autor esclarece que:

Diferentes pesquisadores da obra pessoana mostram-nos inúmeras vertentes, em perspectivas variadas, e seguiram por diferentes caminhos para o entendimento do ocultismo, que, podemos dizer, trata-se de um universo dentro de outro, o universo ocultista dentro do universo pessoano, pois a leitura da obra de Pessoa a partir de um viés esotérico e oculto como principal referência mostra o quanto há para ser explorado nesse sentido.

Essa profusão de correntes ocultistas na vida de Pessoa demonstra que para o poeta não há apenas uma entrega, uma devoção através de uma única corrente (é possível afirmar, aliás, que a única

devoção pessoal era a literatura). Pessoa era um estudioso nato, um pesquisador arrebatado por diversas correntes ocultistas: a astrologia, a alquimia, o gnosticismo, a teosofia, o paganismo, o neopaganismo, o Thelenismo, a Cabala, e as ordens Rosa-Cruz e Maçonaria. Além das vertentes acima citadas, acreditamos que tantas outras, as quais não trouxemos à nossa análise, mas que são temas de livros da biblioteca particular do poeta, como por exemplo, o budismo, também podem ser encontradas na poética pessoal e são passíveis de serem investigadas mais profundamente no futuro.

Esse debruçar-se do poeta sobre mais de uma das linhas ocultistas revela-nos seu desejo de apreensão do todo, da totalidade, considerando cada linha como um fragmento dessa totalidade. Em paralelo a isso, destaca-se o fato de que em toda a poesia pessoal vê-se a busca pela superação da consciência, pela verdade que transcende, o que torna natural que o poeta tenha se interessado pelo oculto, pelo desconhecido. Ao apreender o mistério, apreende-se a outra realidade, algo além da ordem da matéria, que limita e aprisiona. Sendo assim, para Fernando Pessoa, “a vida não existe, o que existe é a via e a transformação”, como afirma Centeno (1985a, p. 10), ou seja, o que existe é a jornada, o caminho, que leva à transformação.

O ocultismo de Fernando Pessoa se manifesta, principalmente, em seu ortônimo. Elementos da simbologia das ciências ocultas, além de ensinamentos e filosofias das ordens ocultistas, serviram de material para construção para seus poemas. É importante destacar também que a linguagem dos poemas ocultistas segue o princípio do oculto, de ser “encoberto”. Isso explica a característica simbólica dessa linguagem. A palavra é símbolo a ser decifrado. A linguagem de Pessoa para ser “compreendida, precisa ser considerada a partir de todo o universo relacionado a esse símbolo. Uma leitura puramente racionalista dificilmente alcançará todos os meandros da escrita de Fernando Pessoa” (RIBEIRO, 2009, p. 81).

Yvette K. Centeno (1985a, p. 8) também se dedicou ao estudo do oculto em Pessoa e revela que a prática poética “(...) foi uma prática mística e não apenas literária, ao contrário do que se tem julgado. Só a leitura e a documentação em que ele se debruça sobre as doutrinas iniciáticas nos permite ajuizar do peso que para ele tem”. A poesia, carregada de símbolos e chaves iniciáticas, funcionava como uma das vias (senão a via principal) que conduzia Pessoa ao caminho do alquímico, da transformação, da transmutação do próprio ser que se reflete na transmutação estética e literária. É essencial considerarmos o fato de o poeta acreditar ser um escolhido do “Além”, responsável por transmitir a “mensagem divina”. Essa “mensagem divina” é realizada através da obra *Mensagem* (2018). Apesar de Fernando Pessoa compreender e aceitar essa “missão” como poeta-profeta, há um preço a ser pago, um certo sacrifício e sofrimento ao assumir tamanha seriedade, como revela o poema “Passos na cruz” e os inúmeros

fragmentos textuais de Pessoa, abordando as responsabilidades e perigos do caminho do ocultismo.

Apesar de Simões (1958?) duvidar, por vezes, da crença de Fernando Pessoa nas ciências ocultas e do quanto o poeta levava a sério essas questões, afastamos nossa posição da de Simões neste quesito. Mesmo que o ocultismo tenha surgido na vida do poeta por um aspecto racional e intelectual, ao longo desse trabalho entendemos que sua relação com a sabedoria e mistérios do oculto foi intensa, vívida e verdadeira, e não um mero interesse de cunho estético e literário. Dessa forma, é possível afirmar que a combinação poesia e ocultismo funcionava como um instrumento de transcendência pessoal e fazia parte da própria realidade que cercava Fernando Pessoa. Quanto à relevância dos estudos ocultistas na obra do poeta português, compartilhamos da mesma visão de Ribeiro (2009, p. 79-80) quando afirma que:

Entendemos que ainda há muito o que se pesquisar a respeito da presença do ocultismo na obra pessoana (...). Sendo assim, temos consciência de que estamos ainda muito longe de uma leitura definitiva, se é que isso é possível, do papel do ocultismo na obra pessoana. Pensamos ser fundamental que as pesquisas nesse sentido continuem (...).

É importante esclarecer que aquilo aqui estudado não teve e nem tem a pretensão de refutar as demais pesquisas que existem a respeito de Fernando Pessoa sob a ótica de outras abordagens, muito pelo contrário. Ao estudarmos o ocultismo em Fernando Pessoa, acreditamos que o oculto é mais um dos ângulos formadores da obra pessoana. Afinal, como poeta múltiplo que é, Fernando Pessoa permite múltiplas leituras que se complementam – diversas facetas formando um grande e complexo todo, nenhuma melhor ou mais correta, apenas diferentes.

O ocultismo em Fernando Pessoa representa, então, parte da essência profunda de sua obra. É na ciência oculta e na própria arte que o poeta encontra um caminho que o guia pela busca incessante de superação da consciência, pela busca de transcender as partes em direção à totalidade, e pelo desejo de alcançar o sublime. É através da poesia que se confunde com ciência oculta, e da ciência oculta que se transfigura em poesia, que Pessoa descobre as portas para o “além Deus”, de onde, a seu mensageiro destinado, o mistério sussurra, em versos, informes e instruções.

REFERENCIAS BIBLIOGRAFICAS

AMORC. **História do rosacrucianismo**. Disponível em: < <https://www.amorc.org.br/historia-do-rosacrucianismo/>>. Acesso em: 08 de março de 2018.

ARNAUT, António. **Introdução à Maçonaria**. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2017.

BLAVATSKY, Helena Petrovna. **A chave para teosofia**. Brasília: Editora Teosófica, 1991. Tradução: Carlos Cardoso Aveline.

_____. **A voz do silêncio**. Lisboa: Marcador, 2002. Tradução de Fernando Pessoa.

_____. **O livro perdido de Dzyan: novas revelações sobre a Doutrina Secreta**. São Paulo: Pensamento, 2009. Prefácio de Murillo Nunes de Azevedo. Tradução de M. P. Moreira Filho.

BULFINCH, Thomas. **O livro de ouro da mitologia: histórias de deuses e heróis**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2006. Tradução de David Jardim.

CAMOCARDI, Elêusis M. **Mensagem: história, mito, metáfora**. São Paulo: Arte & Ciência, 1996.

CASA FERNANDO PESSOA. **Biblioteca particular Fernando Pessoa**. Disponível em: <<http://bibliotecaparticular.casafernandopessoa.pt/index/index.htm>>. Acesso em: 30 de maio de 2018.

CAVE, Janet. **Seitas secretas**. Rio de Janeiro: Abril Livros, 1992. Tradução de Tomás Rosa Bueno.

CENTENO, Yvette Kace. **Fernando Pessoa: o amor, a morte, iniciação**. Lisboa: A Regra do Jogo, 1985a.

_____, Yvette Kace (Org.). **Fernando Pessoa e a filosofia hermética: fragmentos do espólio**. Lisboa: Presença, 1985b. Tradução de Maria Helena Rodrigues de Carvalho. Disponível em: < <http://arquivopessoa.net/>>. Acesso em 20 de março de 2018.

CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alan. **Dicionários de símbolos: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, Números**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2006. Tradução de Vera da Silva Costa e outros.

CRESPO, Ángel. **A vida plural de Fernando Pessoa**. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Editorial, 1990. Tradução de José Viale Moutinho.

DUARTE, Janluis. **Reinventando tradições: representações e identidades da bruxaria neopagã no Brasil**. 2013. Tese de doutorado em História – Programa de Pós-Graduação do Departamento de História – UNB, Departamento de História, Universidade de Brasília, Brasília. Disponível em:

<repositorio.unb.br/bitstream/10482/17004/1/2013_JanluisDuarte.pdf>. Acesso em: 01 de junho de 2018.

ELIADE, Mircea. **Ferreiros e alquimistas**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1979. Tradução de Roberto Cortes de Lacerda.

FRATERNIDADE ROSACRUZ MAX HEINDEL. **Fama Fraternitatis**: descoberta da fraternidade da mais nobre ordem dos Rosacruzes. Disponível em: <<http://www.fraternidaderosacruz.org/bibliotecaonline.htm>>. Acesso em: 08 de maio de 2018. Traduzido por Alexandre David.

FIGUEIREDO, Joaquim Gervásio. **Dicionário de Maçonaria**. São Paulo: Editora Pensamento, 2011.

FRIEDRICH, Hugo. **Estrutura da lírica moderna**: da metade do século XIX a meados do século XX. Tradução do texto por Marise M. Curioni. Tradução das poesias por Dora F. da Silva. São Paulo: Duas Cidades, 1978.

GEBRA, Fernando de Moraes. O ritual esotérico no poema “Iniciação”, de Fernando Pessoa. **Revista Ipotesi**, Juiz de Fora, v.16, n.2, p. 47-61, jul./dez. 2012. Disponível em: <www.ufjf.br/revistaipotesi/files/2011/05/CAP04-47-61.pdf>. Acesso em: 20 agosto de 2017.

HENDERSON, Joseph L. Os mitos antigos e o homem moderno. In: JUNG, Carl Gustav. **O homem e seus símbolos**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008. Tradução Maria Lúcia Pinho.

LEADBEATER, C. W. **Pequena história da Maçonaria**. São Paulo: Editora Pensamento, 2012. Tradução de J. Gervásio Figueiredo.

LIND, Georg Rudolf. **Estudos sobre Fernando Pessoa**. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1981.

LOPES, Teresa Rita. **Pessoa por conhecer**. Lisboa: Livros Horizonte, 1993. Disponível em: <<http://arquivopessoa.net/>>. Acesso em: 12 de maio de 2018.

_____. **Pessoa inédito**: textos para um novo mapa. Lisboa: Estampa, 1990. Disponível em: <<http://arquivopessoa.net/>>. Acesso em: 12 de maio de 2018.

LUNA, Jayro. **A chave esotérica de Mensagem de Fernando Pessoa**: abordagem numerológica, astrológica e cabalística para uma leitura de crítica literária. São Paulo: Epsilon Volantis, 2005.

MACINTOSH, Christopher. **A rosa e a cruz**: história, mitologia e rituais das ordens esotéricas. Rio de Janeiro: Record: Nova Era, 2001. Tradução de Luca Albuquerque.

MACKEY, Albert G. **O simbolismo da Maçonaria**. São Paulo: Universo dos Livros, 2008.

MIAU, Zhou. **Mundividência esotérica e poética iniciática em Fernando Pessoa**. 2011. Dissertação de mestrado em Letras. Programa de Pós-Graduação em Letras em Literatura de Língua Portuguesa (Investigação e Ensino), Faculdade de Letras, Universidade de Coimbra,

Coimbra. Disponível em: < <https://estudogeral.sib.uc.pt/handle/10316/19512> >. Acesso em: 31 de maio de 2018.

MOURA, Gilda. **O pacto dos ancestrais**. Rio de Janeiro: Jaguatirica, 2015.

MOURÃO, Cátia. **Eros e Psique: um vitral gnóstico de Almada Negreiros**. Lisboa: Assembleia da República, 2009.

OLIVEIRA, Vítor Lins. **Rosacruzianismo: história e imaginário**. 2009. Dissertação de Mestrado em Ciências das Religiões. Programa de Pós-Graduação em Ciências Humanas, Letras e Artes, Centro de Educação, Universidade Federal da Paraíba. Disponível em: < livros01.livrosgratis.com.br/cp103683.pdf >. Acesso em: 30 de maio de 2018.

PAPUS. **ABC do ocultismo**. São Paulo: Martins Fontes, 2003. Tradução: Sociedade das Ciências Antigas.

PESSOA, Fernando. **Mensagem**. Barueri: Novo Século Editora, 2018.

_____. **Poesias Ocultistas**. São Paulo: Aquariana, 1996. Organização, seleção e apresentação de João Alves das Neves.

_____. **Cartas de Fernando Pessoa a João Gaspar Simões: introdução, apêndice e notas do destinatário**. Lisboa: Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 1982.

QUADROS, António (Org.). **Escritos íntimos, cartas e páginas autobiográficas**. Lisboa: Publ. Europa-América, 1986. Disponível em: < <http://arquivopessoa.net/> >. Acesso em 31 de março de 2018.

_____. **Fernando Pessoa: vida, personalidade e gênio**. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1988.

RAMOS, Marcos Antonio. **Nuevo diccionario de religiones, denominaciones y sectas**. Tennessee: Thomas Nelson, 1998.

RIBEIRO, Rogério Mathias. **Esoterismo e ocultismo em Fernando Pessoa: caminhos da crítica e da poética**. 2009. Dissertação mestrado em Letras. Programa de Pós-Graduação em Letras, Faculdade de Letras, Universidade Federal Fluminense.

SENNA, Vanildo de. **Fundamentos jurídicos da Maçonaria Especulativa**. Rio de Janeiro: Editora Maçônica, 1981.

SIMÕES, João Gaspar. **Vida e obra de Fernando Pessoa: história de uma geração**. Lisboa: Livraria Bertrand, [1958?].

VON FRANZ, M-Louise. **Alquimia e imaginação ativa**. São Paulo: Cultrix, 1998. Tradução de Pedro da Silva Dantas, Jr.

ZENITH, Richard. **Fotobiografia de Fernando Pessoa**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

ANEXO A – POESIA « NO TÚMULO DE CHRISTIAN ROSENCREUTZ »

NO TÚMULO DE CHRISTIAN ROSENCREUTZ⁴⁰

Não tínhamos ainda visto o cadáver de nosso Pai prudente e sábio. Por isso afastamos para um lado o altar. Então pudemos levantar uma chapa forte de metal amarelo, e ali estava um belo corpo célebre, inteiro e incorrupto..., e tinha na mão um pequeno livro em pergaminho, escrito a ouro, intitulado T., que é, depois da Bíblia, o nosso mais alto tesouro nem deve ser facilmente submetido à censura do mundo.

FAMA FRATERNITATIS ROSAEAE CRUSIS

I

Quando, despertos deste sono, a vida,
 Soubermos o que somos, e o que foi
 Essa queda até Corpo, essa descida
 Até à Noite que nos a Alma obstruiu,

Conheceremos pois toda a escondida
 Verdade do que é tudo que há ou flui?
 Não: nem a Alma livre é conhecida...
 Nem Deus, que nos criou, em Si a inclui.

Deus é o Homem de outro Deus maior:
 Adam Supremo, também teve Queda:
 Também, como foi nosso Criador,

Foi criado, e a Verdade lhe morreu...
 De além do Abismo, Sprito Seu, Lha veda;
 Aquém não a há no Mundo, Corpo Seu.

II

Mas antes era o Verbo, aqui perdido
 Quando a Infinita Luz, já apagada,
 Do Caos, chão do Ser, foi levantada

⁴⁰ PESSOA, 1996, p. 108-110.

Em Sombra, e o Verbo ausente escurecido.

Mas se a Alma sente a sua forma errada,
 Em si, que é Sombra, vê enfim luzido
 O Verbo deste Mundo, humano e ungido
 Rosa Perfeita, em Deus crucificada.

Então, senhores do limiar dos Céus,
 Podemos ir buscar além de Deus
 O Segredo do Mestre e o Bem profundo;

Não só de aqui, mas já de nós, despertos,
 No sangue actual de Cristo enfim libertos
 Do a Deus que morre a geração do Mundo.

III

Ah, mas aqui, onde irreais erramos,
 Dormimos o que somos, e a verdade,
 Inda que enfim em sonho a vejamos,
 Vêmo-la, porque em sonho, em falsidade.

Sombras buscando corpos, se os achamos
 Como sentir a sua realidade?
 Com mãos de sombra, Sombras, que tocamos?
 Nosso toque é ausência e vacuidade.

Quem desta Alma fechada nos liberta?
 Sem ver, ouvimos para além da sala
 De ser: mas como, aqui, a porta aberta?

.....

Calmo na falsa morte a nós exposto,
 O Livro ocluso contra o peito posto,
 Nosso Pai Roseacruz conhece e cala.

ANEXO B – POESIA « DEPUZ, CHEIO DE SOMBRA E DE CANSAÇO»

Depuz, cheio de sombra e de cansaço,⁴¹
As armas da magia entre onde estão
Os livros sacros com quem tenho o laço
Que dá à alma a Força e a Visão.
Ai, não pude depor meu coração!

Quam alto fui para o que todos são!
Quam baixo para quanto quiz em mim!
Vi e toquei o que a outros é visão
Em sombras ou desejos, vaga e escura,
Na confusão da confusão sem fim
Sou hoje a minha própria sepultura.
Tenho deserto e alheio o coração.

Quantos, com longo estudo e fiel vontade,
Tentam pisar as sendas do Poder,
Sem que sintam uma unica verdade,
Sem que o invocado espírito apareça,
Sem que o dominem, se é aparecido,
Sem que sintam, como eu, sobre a cabeça.
A coroa dos magos – ah, mas essa,
Se é de gloria no nítido esplendor,
É de espinhos no intimo sentido.

Por mais alto que o Mago suba e atinja
O commercio dos anjos que ha no Além,
E da côr livida do Além se tinja,
Que mais que os outros, que aqui dormem, tem?
Se a ilusão, o symbolo e a sombra

⁴¹ PESSOA, 1996, p. 88-91.

São o que rege tudo, regerão
 O mesmo Além que o nosso exforço empana
 Com o que de ilusão a si se ensombra.
 Se tudo que nos falla nos engana,
 Porque é que os Anjos não enganarão?

Vi Anjos, toquei Anjos, mas não sei
 Se Anjos existem. Tal me achei ao fim
 D'esse caminho de que regressei
 E vi que nunca sahirei de mim.

Vã sciencia, inda que aqui, no rito certo,
 Os Anjos certos viessem à chamada,
 Servos da invocação que os trouxe perto.
 Mestres do templo que lhes foi a estrada.
 Arte vã, porque tudo, inda que obtido,
 Deixa as nevoas que somos taes quaes são,
 Sem mais que uma presença sem sentido,
 Passando, como um cheiro ou um ruído,
 Nas camaras rituais da ilusão.

Annos e annos de confusa sciencia,
 Lida e relida até me ser meu ser,
 Me ergueram a submersa consciencia
 À superficie clara do querer.
 Tracei os signaes certos, invoquei.
 Obedeceram Anjos ao que eu quis.
 Nada sou, nada fiz e nada sei.
 Quantos se orgulhariam do que eu fiz!

 Quem me diz que não ha, Senhor do Mundo.
 Um Spirito que illude? Quem me diz
 Que, quanto mais o incognito approfundo,
 Mais de ilusão e erro não me innundo?

Sei que, quanto maior, mais infeliz.

Não ha já fé, nem sciencia, nem certeza
No que sou eu pra mim. Vermes me minam
De outra, peor, mais negra natureza
Que os que ao Mestre destroem na atra valla.
Tudo me é escuro, inda que com destreza
Os caminhos da sombra me illuminam
As dez luzes divinas da Kabbalah.

Meus pés pisam a Camara do Meio.
Minhas mãos tocam o que os Anjos são.
Já de onde estou branqueja o Limiar
Do intimo Sacrario. Sinto o ar
Do silencio ulterior tocar meu seio,
E rasgam-se olhos no meu coração.

Mas que é tudo isto, se isto não é nada?
Que sei eu d'isto, que bem pode ser
Aquella aerea, falsa e linda estrada
Que nos desertos se consegue ver?
Venci? Perdi-me? Não o sei dizer.

Poder! Poder! Ah, sempre a maldição
Da substancia do mundo! Quem me dera
Quem me nascera no ermo, coração
Antes a ansia de ser só mesquinho,
Antes um somno cheio de perdão,
E ser agora qual menino eu era,
Da verdade mais próximo visinho.
(Dos mesmos Anjos mais fiel visinho).

Caminhei como os homens; sou como esse
Que viajou paizes por achar,

ANEXO C – POESIA NA « O ÚLTIMO SORTILÉGIO »**O ÚLTIMO SORTILÉGIO⁴²**

“Já repeti o antigo encantamento,
E a grande Deusa aos olhos se negou,
Já repeti, nas pausas do amplo vento,
As orações cuja alma é um ser fecundo.
Nada me o abismo deu ou o céu mostrou.
Só o vento volta onde estou toda e só,
E tudo dorme no confuso mundo.

“Outro meu condão fadava as sarças
E minha evocação do solo erguia
Presenças concentradas das que esparsas
Dormem nas formas naturais das coisas.
Outrora a minha voz acontecia.
Fadas e elfos, se eu chamasse, via,
E as folhas da floresta eram lustrosas.

“Minha varinha, com que da vontade
Falava às existências essenciais,
Já não conhece a minha realidade.
Já, se o círculo traço, não há nada,
Murmura o vento alheio extintos ais,
E ao luar que sobe além dos matagais
Não sou mais do que os bosques ou a estrada.

“Já me falece o dom com que me amavam.
Já me não torno a forma e o fim da vida
A quantos que, buscando-os me buscavam.

⁴² PESSOA, 1996, p. 69-70.

Já, praia, o mar dos braços não me inunda.
Nem já me vejo ao sol saudado erguida,
Ou, em êxtase mágico perdida,
Ao luar, à boca da caverna funda.

“Já as sacras potências infernais,
Que, dormentes sem deuses nem destino,
À substância das coisas são iguais,
Não ouvem minha voz ou os nomes seus,
A música partiu-se do meu hino.
Já meu furor astral não é divino
Nem meu corpo pensando é já um deus.

“E as longínquas deidades do atro poço,
Que tantas vezes, pálida, evoquei
Com a raiva de amar em alvoroço.
Inevocadas hoje ante mim estão.
Como, sem que as amasse, eu as chamei,
Agora, que não amo, as tenho, e sei
Que meu vendido ser consumirão.

“Tu, porém, Sol, cujo ouro me foi presa,
Tu, Lua, cuja prata converti,
Se já não podeis dar-me essa beleza
Que tantas vezes tive por querer,
Ao menos meu ser findo dividi –
Meu ser essencial se perca em si,
Só meu corpo sem mim fique alma e ser!

“Converta-me a minha última magia
Numa estátua de mim em corpo vivo!
Morra quem sou, mas quem me fiz e havia,
Anônima presença que se beija,
Carne do meu abstracto amor cativo,

Seja a morte de mim em que revivo;
E tal qual fui, não sendo nada, eu vejo!”

ANEXO D – POESIA « INICIAÇÃO »

INICIAÇÃO⁴³

Não dormes sob os ciprestes,
 Pois não há sono no mundo,

 O corpo é a sombra das vestes
 Que encobrem teu ser profundo.

Vem a noite, que é a morte,
 E a sombra acabou sem ser.
 Vais na noite só recorte,
 Igual a ti sem querer.

Mas na Estalagem do Assombro
 Tiram-te os anjos a capa.
 Segues sem capa no ombro,
 Com o pouco que te tapa.

Então Arcanjos da Estrada
 Despem-te e deixam-te nu.
 Não tens vestes, não tens nada:
 Tens só teu corpo, que és tu.

Por fim, na funda caverna,
 Os Deuses despem-te mais.
 Teu corpo cessa, alma externa,
 Mas vês que são teus iguais.

 A sombra das tuas vestes

⁴³ PESSOA, 1996, p. 101.

Ficou entre nós na Sorte.

Não 'stás morto, entre ciprestes.

.....

Neófito, não há morte.

ANEXO F – POESIA « NA SOMBRA DO MONTE ABIEGNO»

Na sombra do Monte Abiegno⁴⁴
Repousei de meditar.
Vi no alto o alto Castelo
Onde sonhei de chegar.
Mas repousei de pensar
Na sombra do Monte Abiegno.

Quando fora amor ou vida,
Atrás de mim o deixei,
Quando fora desejá-los,
Porque esqueci não lembrei.
À sombra do Monte Abiegno
Repousei porque abdiquei.

Talvez um dia, mais forte
Da força ou da abdicação,
Tentarei o alto caminho
Por onde ao Castelo vão.
Na sombra do Monte Abiegno
Por ora repouso, e não.

Quem pode sentir descanso
Com o Castelo a chamar?
Está no alto, sem caminho
Senão o que há por achar.
Na sombra do Monte Abiegno
Meu sonho é de o encontrar.

Mas por ora estou dormindo,

⁴⁴ PESSOA, 1996, p. 77-78.

Porque é sono o não saber.
Olho o Castelo de longe,
Mas não olho o meu querer.
Da sombra do Monte Abiegno
Que me virá desprender?

ANEXO G – POESIA « NESTE MUNDO EM QUE ESQUECEMOS »

Neste mundo em que esquecemos⁴⁵

Somos sombras de quem somos,
E os gestos reais que temos
No outro em que, almas, vivemos,
São aqui esgares e assomos.

Tudo é nocturno e confuso
No que entre nós aqui há.
Projecções, fumo difuso
Do lume que brilha ocluso
Ao olhar que a vida dá.

Mas um ou outro, um momento.
Olhando bem, pode ver
Na sombra e seu movimento
Qual no outro mundo é o intento
Do gesto que o faz viver.

E então encontra o sentido
Do que aqui está a esgarar,
E volve ao seu corpo ido,
Imaginado e entendido,
A intuição de um olhar.

Sombra do corpo saudosa,
Mentira que sente o laço
Que a liga à maravilhosa
Verdade que a lança, ansiosa,
No chão do tempo e do espaço.

⁴⁵ PESSOA, 1996, p. 99

ANEXO H – POESIA « PASSOS NA CRUZ »

PASSOS NA CRUZ⁴⁶

I.

Esqueço-me das horas transviadas...
 O Outono mora mágoas nos outeiros
 E põe um roxo vago nos ribeiros...
 Hóstia de assombro a alma, e toda estradas...

Aconteceu-me esta paisagem, fadas
 De sepulcros a orgíaco... Trigueiros
 Os céus da tua face, e os derradeiros
 Tons do poente segredam nas arcadas...

No claustro sequestrando a lucidez
 Um espasmo apagado em ódio à ânsia
 Põe dias de ilhas vistas do convés

No meu cansaço perdido entre os gelos,
 E a cor do Outono é um funeral de apelos
 Pela estrada da minha dissonância...

II.

Há um poeta em mim que Deus me disse...
 A Primavera esquece nos barrancos
 As grinaldas que trouxe dos arrancos
 Da sua efémera e espectral ledice...

Pelo prado orvalhado a meninice
 Faz soar a alegria os seus tamancos...

⁴⁶ PESSOA, 1996, p. 53-62.

Pobre de anseios teu ficar nos bancos
Olhando a hora como quem sorrisse...

Florir do dia a capitéis de Luz...
Violinos do silêncio enternecidos...
Tédio onde o só ter tédio nos seduz...

Minha alma beija o quadro que pintou...
Sento-me ao pé dos séculos perdidos
E cismo o seu perfil de inércia e voo...

III.

Adagas cujas jóias velhas galas...
Opalesci amar-me entre mãos raras,
E fluido a febres entre um lembrar de aras,
O convés sem ninguém cheio de malas...

O íntimo silêncio das opalas
Conduz orientes até jóias caras,
E o meu anseio vai nas rotas claras
De um grande sonho cheio de ócio e salas...

Passa o cortejo imperial, e ao longe
O povo só pelo cessar das lanças
Sabe que passa o seu tirano, e estruge

Sua ovação, e erguem as crianças
Mas o teclado as tuas mãos pararam
E indefinidamente repousaram...

IV.

Ó tocadora de harpa, se eu beijasse
Teu gesto, sem beijar as tuas mãos!,
E, beijando-o, descesse p'los desvãos

Do sonho, até que enfim eu o encontrasse.

Tornado Puro Gesto, gesto-face
 Da medalha sinistra - reis cristãos
 Ajoelhando, inimigos e irmãos,
 Quando processional o andor passasse!...

Teu gesto que arrepanha e se extasia...
 O teu gesto completo, lua fria
 Subindo, e em baixo, negros, os juncais...

Caverna em estalactites o teu gesto...
 Não poder eu prendê-lo, fazer mais
 Que vê-lo e perdê-lo!... E o sonho é o resto...

V.
 Tênuê, roçando sedas pelas horas,
 Teu vulto ciciante passa e esquece,
 E dia a dia adias para prece
 O rito cujo ritmo só decoras...

Um mar longínquo e próximo umedece
 Teus lábios onde, mais que em ti, decoras...
 E, alada, leve, sobre a dor que choras,
 Sem querer saber de ti a tarde desce...

Erra no anteluar a voz dos tanques...
 Na quinta imensa gorgolejam águas,
 Na treva vaga ao meu ter dor estanques...

Meu império é das horas desiguais
 E dei meu gesto lasso a algas mágoas
 Que há para além de sermos outonais...

VI.

Venho de longe e trago no perfil,
Em forma nevoenta e afastada,
O perfil de outro ser que desagrada
Ao meu atual recorte humano e vil.

Outrora fui talvez, não Boabdil,
Mas o seu mero último olhar, da estrada
Dado ao deixado vulto de Granada,
Recorte frio sob o unido anil...

Hoje sou a saudade imperial
Do que já na distância de mim vi...
Eu próprio sou aquilo que perdi...

E nesta estrada para Desigual
Florem em esguia glória marginal
Os girassóis do império que morri...

VII.

Fosse eu apenas, não sei onde ou como,
Uma coisa existente sem viver,
Noite de Vida sem amanhecer
Entre as sirtes do meu doirado assomo...

Fada maliciosa ou incerto gnomo
Fadado houvesse de não pertencer
Meu intuito gloriola com Ter
A árvore do meu uso o único pomo...

Fosse eu uma metáfora somente
Escrita nalgum livro insubsistente
Dum poeta antigo, de alma em outras gamas,

Mas doente, e, num crepúsculo de espadas,
 Morrendo entre bandeiras desfraldadas
 Na última tarde de um império em chamas...

VIII.

Ignorado ficasse o meu destino
 Entre pálios (e a ponte sempre à vista),
 E anel concluso a chispas de ametista
 A frase falha do meu póstumo hino...

Florescesse em meu glabro desatino
 O himeneu das escadas da conquista
 Cuja preguiça, arrecadada, dista
 Almas do meu impulso cristalino...

Meus ócios ricos assim fossem, vilas
 Pelo campo romano, e a toga traça
 No meu soslaio anônimas (desgraça

A vida) curvas sob mãos intranquílias...
 E tudo sem Cleópatra teria
 Findado perto de onde raia o dia...

IX.

Meu coração é um pórtico partido
 Dando excessivamente sobre o mar.
 Vejo em minha alma as velas vãs passar
 E cada vela passa num sentido.

Um soslaio de sombras e ruído
 Na transparente solidão do ar
 Evoca estrelas sobre a noite estar
 Em afastados céus o pórtico ido...

E em palmares de Antilhas entrevistas
 Através de, com mãos eis apartados
 Os sonhos, cortinados de ametistas,

Imperfeito o sabor de compensando
 O grande espaço entre os troféus alçados
 Ao centro do triunfo em ruído e bando...

X.

Aconteceu-me do alto do infinito
 Esta vida. Através de nevoeiros,
 Do meu próprio ermo ser fumos primeiros,
 Vim ganhando, e através estranhos ritos

De sombra e luz ocasional, e gritos
 Vagos ao longe, e assomos passageiros
 De saudade incógnita, luzeiros
 De divino, este ser fosco e proscrito...

Caiu chuva em passados que fui eu.
 Houve planícies de céu baixo e neve
 Nalguma coisa de alma do que é meu.

Narrei-me à sombra e não me achei sentido.
 Hoje sei-me o deserto onde Deus teve
 Outrora a sua capital de olvido...

XI.

Não sou eu quem descrevo. Eu sou a tela
 E oculta mão colora alguém em mim.
 Pus a alma no nexo de perdê-la
 E o meu princípio floresceu em Fim.

Que importa o tédio que dentro de mim gela,
 E o leve Outono, e as galas, e o marfim,
 E a congruência da alma que se vela
 Com os sonhados pálios de cetim?

Disperso... E a hora como um leque fecha-se...
 Minha alma é um arco tendo ao fundo o mar...
 O tédio? A mágoa? A vida? O sonho? Deixa-se...

E, abrindo as asas sobre Renovar,
 A erma sombra do voo começado
 Pestaneja no campo abandonado...

XII.

Ela ia, tranquila pastorinha,
 Pela estrada da minha imperfeição.
 Segui-a, como um gesto de perdão,
 O seu rebanho, a saudade minha...

"Em longes terras hás de ser rainha
 Um dia lhe disseram, mas em vão...
 Seu vulto perde-se na escuridão...
 Só sua sombra ante meus pés caminha...

Deus te dê lírios em vez desta hora,
 E em terras longe do que eu hoje sinto
 Serás, rainha não, mas só pastora

Só sempre a mesma pastorinha a ir,
 E eu serei teu regresso, esse indistinto
 Abismo entre o meu sonho e o meu porvir...

XIII.

Emissário de um Rei desconhecido,

Eu cumpro informes instruções de além,
E as bruscas frases que aos meus lábios vêm
Soam-me a um outro e anômalo sentido...

Inconscientemente me divido
Entre mim e a missão que o meu ser tem,
E a glória do meu Rei dá-me desdém
Por este humano povo entre quem lido...

Não sei se existe o Rei que me mandou.
Minha missão será eu a esquecer,
Meu orgulho o deserto em que em mim estou...

Mas há ! Eu sinto-me altas tradições
De antes de tempo e espaço e vida e ser...
Já viram Deus as minhas sensações...

XIV.

Como uma voz de fonte que cessasse
(E uns para os outros nossos vãos olhares
Se admiraram), p'ra além dos meus palmares
De sonho, a voz que do meu tédio nasce

Parou... Apareceu já sem disfarce
De música longínqua, asas nos ares,
O mistério silente como os mares,
Quando morreu o vento e a calma pasce...

A paisagem longínqua só existe
Para haver nela um silêncio em descida
P'ra o mistério, silêncio a que a hora assiste...

E, perto ou longe, grande lago mudo,
O mundo, o informe mundo onde há a vida...
E Deus, a Grande Ogiva